

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

HELENA ZONETI RODRIGUES

**A NOÇÃO DE INCONSCIENTE EM FREUD SOB A PERSPECTIVA DO
RECALCAMENTO**

SÃO CARLOS

2022

HELENA ZONETI RODRIGUES

**A NOÇÃO DE INCONSCIENTE EM FREUD SOB A PERSPECTIVA DO
RECALCAMENTO**

Trabalho de conclusão do curso de Filosofia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) para obtenção do título de bacharelado no Departamento de Filosofia (DFil), Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH).

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria.

Financiamento: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

SÃO CARLOS

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA - BACHARELADO

FOLHA DE APROVAÇÃO

HELENA ZONETI RODRIGUES

**A NOÇÃO DE INCONSCIENTE EM FREUD SOB A PERSPECTIVA DO
RECALCAMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Filosofia, pela Universidade Federal de São Carlos.

Aprovado em: 31 de agosto de 2022.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria - DFil UFSCar

Nome do orientador, titulação e instituição.

Profa. Dra. Janaina Namba - DFil UFSCar

Nome, titulação e instituição.

Nome, titulação e instituição.

AGRADECIMENTOS

Obrigada aos meus pais e educadores: Rui e Renata, por apoiarem meus estudos em Filosofia. Obrigada aos meus amigos filósofos: Tiago e Amanda. Obrigada aos queridos: Fernanda e Gabriel. Obrigada à Leila, pela supervisão no estágio e amizade. Obrigada respectivamente aos meus gatos: Lili e Floquinho. Meu agradecimento à Profa. Ana pelo cuidado, disponibilidade e rigor com meus estudos em Filosofia e Psicanálise. Agradeço ao CNPq pelo financiamento da minha iniciação científica.

“Eu não vou querer
O amor somente é tão banal
Busco a paixão fundamental
Edípica e vulgar
De inventar meu próprio ser”

- Belchior, In: *Brasileiramente Linda*

RESUMO

O objetivo do trabalho é analisar metodicamente a noção de inconsciente formulada a partir do conceito de recalque (*Verdrängung*) expresso no capítulo 7 da obra *A Interpretação dos sonhos* e nos textos Metapsicológicos de Freud, ao relacionar o recalque como eixo da formação do inconsciente e apontar as consequências filosófico-teóricas que incidem na noção de realidade psíquica e outras tais como liberdade e determinismo. O trabalho busca responder à questão que entrelaça as disposições duais entre o eu consciente e o inconsciente, dicotomia assegurada pelo conceito de recalçamento na Primeira Tópica. Tendo em vista as determinações da realidade psíquica, o eu consciente possui liberdade no aparelho psíquico da Primeira Tópica freudiana? Da relação conflituosa entre o eu consciente e a realidade psíquica emerge a questão principal do projeto em que o inconsciente desponta em parte como determinante das disposições do eu consciente não apenas no processo sintomático, na inibição do desenvolvimento, nos pontos de fixação e regressão ocasionado pelo recalque, mas como anterioridade imprescindível, refletida nos esquemas e pressuposições de ordem filogenéticas em contraposição ao processo ontogenético pertencente ao eu consciente. Cabe investigar que inconsciente é este, uma vez que seu conteúdo não se limita apenas a representações recalçadas, mas também a fragmentos da espécie humana, fantasias originárias. Dado essas determinações da realidade psíquica no aparelho, a instância do eu colocada em estreita relação à consciência na Primeira Tópica converge para a questão colocada acima e a suspeita de que na ontogenia o eu consciente não esteja de fato tão pré-determinado pela realidade psíquica.

Palavras-chave: Eu consciente; fantasias; filogênese; inconsciente; realidade psíquica; recalçamento.

ABSTRACT

The objective of this work is to methodically analyze the notion of the unconscious formulated from the concept of repression (*Verdrängung*) from the point of view expressed in chapter 7 of the work *The Interpretation of Dreams* and in Freud's Metapsychological texts, when relating repression as the axis of the formation of the unconscious and to point out the philosophical-theoretical consequences that affect the notion of psychic reality and others such as freedom and determinism. The work seeks to answer the question that intertwines the dual dispositions between the conscious and the unconscious, a dichotomy assured by the concept of repression in the First Topic. In view of the determinations of psychic reality, does the conscious self have freedom in the psychic apparatus of the First Freudian Topic? From the conflicting relationship between the conscious self and psychic reality emerges the main question of the project in which the unconscious emerges in part as a determinant of the dispositions of the conscious self not only in the symptomatic process, in the inhibition of development, in the points of fixation and regression caused by the repression, but as an essential priority, reflected in the phylogenetic schemes and presuppositions in opposition to the ontogenetic process belonging to the conscious self. It is worth investigating which unconscious this is, since its content is not limited only to repressed representations, but also to fragments of the human species, original fantasies. Given these determinations of psychic reality in the apparatus, the instance of the self placed in close relation to consciousness in the First Topic converges to the question posed above and the suspicion that in ontogeny the conscious self is not in fact so predetermined by psychic reality.

Keywords: I conscious; fantasies; phylogenesis; unconscious; psychic reality; repression.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1	10
<i>O problema do recalque primordial</i>	10
<i>Anterioridade do aparelho psíquico na obra: “Totem e tabu (1912-1913)”</i>	15
CAPÍTULO 2	33
<i>Dois casos como modelo: “O caso Schreber” e “O homem dos lobos”</i>	33
<i>Recalque e sintoma: fixação e regressão?</i>	49
CAPÍTULO 3	57
<i>O inconsciente: fantasias originárias</i>	57
<i>A guinada do Eu em “Introdução ao narcisismo (1914)”</i>	69
CONCLUSÃO	69
REFERÊNCIAS	72

INTRODUÇÃO

O objetivo da monografia é delinear a noção deste “sujeito”¹ da realidade psíquica apoderado pelo desejo e pela fantasia em contraposição ao eu consciente, o qual será questionado se possui ou não espaço frente aos mecanismos da realidade psíquica, que se mostrarão nos esquemas filogenéticos da fantasia originária, em contraposição ao processo ontogênico. A pesquisa busca compreender a realidade psíquica e a questão que entrelaça as disposições duais entre o eu consciente e o desejo: o eu consciente tem liberdade no aparelho psíquico formulado na Primeira Tópica?

Para isto, será visto o papel do recalque originário (*Urverdrängung*) para as formações inconscientes num primeiro plano, como formador da clivagem entre inconsciente, pré-consciente e consciente na Primeira Tópica; nesta análise observa-se que Freud estabelece certas anterioridades filogenéticas, como núcleo do inconsciente e a produção das fantasias. O trabalho busca delinear, assim, as condições que levam ao aparelho psíquico e sua divisão nos sistemas primários e secundários na perspectiva do recalque. Tais condições terão um caráter determinante que refletirão até mesmo nos sintomas, como na questão da inibição do desenvolvimento, fixação e regressão ocasionada pelo recalque secundário, em que se apresenta a dependência do eu consciente à realidade psíquica. Isto nos leva ao problema das fantasias como partes intocadas que serão mantidas como um mundo primordial tal como existia, e que se mostra ao eu consciente nestes pontos de fixação e na regressão, ao evidenciar o inconsciente em parte como determinante das disposições do eu consciente.

Ao partirmos de uma análise cuidadosa do capítulo VII da *Interpretação* e dos textos *Metapsicológicos*, o recalco originário surge como fundante da posterior clivagem

¹ O uso do termo sujeito para designar “sujeito da realidade psíquica” não se refere à concepção clássica de sujeito na história da filosofia tal como Franklin conceitua, de modo que o sujeito seja ordenador do conhecimento e sede da certeza, com “procedência do sujeito no processo de conhecimento” garantindo critério de existência por meio do pensamento, como Descartes inaugura na filosofia moderna (SILVA, 1993, p. 8). A noção de “sujeito” também não será empregada no sentido lacaniano do termo, no âmbito da “teoria do significante, transformando o sujeito da consciência num sujeito do inconsciente” (ROUDINESCO, 1998, p. 742) pelo sentido da linguagem (OGILVIE, p. 11) fora do registro do pensamento, pensando o inconsciente como conceito ético e não ôntico, visto que o inconsciente é desejo (BIRMAN, 2003, p. 56). Usaremos a palavra “sujeito” no sentido mais “frouxo” como aquele que realiza ou recebe uma ação ao agir sob o imperativo das pulsões. A noção de “pulsão” permite considerar um espaço para se referir a uma concepção de sujeito estritamente como agente: “se é permitida a expressão, uma psiquização da pulsão, que se constitui exatamente no momento em que ela se solda a uma representação, que funcionará, agora, como sua delegada no plano psíquico” (MONZANI, 2005, p. 127).

Ics./Pcs-Cs. e vai ao encontro à noção de inconsciente, desejo e fantasia como forma de existência, um “modo de ser” da realidade psíquica. De acordo com o *Dicionário de psicanálise*, a realidade psíquica é configurada a partir de dois nortes pertencentes e formulados pelo sistema inconsciente, o desejo e fantasia:

Termo empregado em psicanálise para designar uma forma de existência do sujeito que se distingue da realidade material, na medida em que é dominada pelo império da fantasia e do desejo. Historicamente, a ideia nasceu do abandono da teoria da sedução por Sigmund Freud e da elaboração de uma concepção do aparelho psíquico baseada no primado do inconsciente. (ROUDINESCO, 1998, p. 646)

O problema lançado é propriamente esta dicotomia/clivagem entre a realidade psíquica e o pré-consciente/consciência ou o eu consciente, assegurada pelo conceito de recalque, que representam relações recíprocas e conflituosas entre realidade psíquica e o eu consciente. Dessarte, é categórico compreender a elaboração do conceito de inconsciente sob o prisma das fantasias, partindo do recalque e do problema do recalque primordial, para depois tratar dos outros modos do recalque e seus efeitos na concepção de inconsciente.

Os objetivos da monografia concentram-se em partir da leitura metódica e buscar responder às questões colocadas, ao elaborar a noção de inconsciente sob a perspectiva do recalque abre-se a questão do eu consciente possuir ou não espaço frente as determinações da realidade psíquica em vista da dualidade de elementos trazidos à tona: algo que transborda o recalque, as fantasias originárias e a filogênese; e por outro lado, na noção de eu, o processo da ontogênese e a contingência. Assim, parte-se da pesquisa bibliográfica principal e secundária para responder aos objetivos específicos colocados acima que esclarecem à finalidade maior do trabalho, seu objetivo geral, que busca caracterizar a noção de inconsciente na Primeira Tópica. Para isto, a ordenação deste trabalho se dará por meio de três capítulos que tangenciam estas questões de acordo com o raciocínio exposto acima: a partir do recalque originário; através da regressão e do sintoma; e por último, a partir das fantasias originárias. Cada capítulo conterà na primeira sessão uma introdução à problemática e em seguida, os possíveis resultados e interpretações das questões impostas.

CAPÍTULO 1

O problema do recalque primordial

A questão do recalque é bem apresentada em dois ensaios de 1915: *O inconsciente e O recalque*², de Freud. O recalque seria um mecanismo necessário a pulsão (*Trieb*)³ que produz desprazer ao eu ao invés de prazer; são assim os casos em que os instintos (que sempre são prazerosos) ganham uma conotação negativa, por serem inconciliáveis com as exigências e intenções do eu. Há um motivo maior de desprazer com esta pulsão do que de prazer, que deve ser então recalcado; porém, o recalque só existe após uma nítida separação entre atividade psíquica consciente e inconsciente e sua essência consiste em rejeitar e manter algo afastado da consciência (FREUD, 2010 [1915] p. 85). É neste ponto que Freud no ensaio *O recalque* entra numa longa correlação entre recalque e inconsciente e sua clivagem posterior em inconsciente (*Ics.*), pré-consciente (*Pcs.*) e consciência (*Cs.*).

Para Freud é preciso supor, antes de formular um sujeito já com consciente, pré-consciente e inconsciente, um recalque primário (*Urverdrängung*) que seja condição da formação da atividade psíquica inconsciente e sua base também. Ele supõe como originário um mecanismo que chamará de recalque primordial, ao fixar a representação no inconsciente. É a primeira fase do recalque e consiste “no fato de ser negado, à representante psíquica da pulsão⁴ o acesso consciente” (FREUD, 2010 [1915] p. 85).

Como a fixação à representação permanece igual e fixada em seu estágio infantil no inconsciente sem significação, apenas posteriormente a ela é atribuída seu significado que poderá ser traumático a esta representação, considerada por Freud como uma cena primária experienciada ou fantasiada pelo sujeito (FREUD, 2010 [1918], p. 53 n. 12). Por isso, antes de haver os sistemas *Ics*, *Pcs./Cs.*, o sujeito vivencia experiências cuja significação não

² Paulo César traduziu o ensaio como *A repressão*, mas que na verdade se refere ao mesmo termo com o qual tratamos aqui, *O recalque*.

³ Importante ressaltar que a pulsão advém do campo do instinto animal; ela tem base no plano instintivo mas desvia deste, estando paralela e autônoma do campo biológico, constituindo a partir daí a perspectiva da sexualidade e do desejo; sem um fundo orgânico, mas procedendo deste, por exemplo no ato de amamentar, surge um prazer sexual no ato de sugar, diverso da finalidade biológica da alimentação, por exemplo, a pulsão advém de um “prazer paralelo à alimentação” (MONZANI, 2005, p. 126).

⁴ Para melhor se adequar ao vocabulário, a tradução foi modificada de “impulso” para “pulsão”.

compreende⁵. Estas representações sem significação serão fixadas no inconsciente e servirão como o arcabouço do recalque ao tornar-se como “polo atrativo” para o recalque propriamente dito, que se dará na inscrição desta representação primordial nos processos secundários, pertencente aos sistemas *Pcs./Cs.* Assim, chamamos o núcleo do inconsciente destes compostos do recalque originário ocasionado por uma cena primária. Como o representante é assim fixado ou inscrito, ele permanece inalterado (ou seja, o representante permanece imortal e perpétuo no inconsciente) com a pulsão ainda ligada à esta representação que levará por fim à uma espécie de ligação (*Bindung*) entre tais representações que encenarão o desejo.

Segundo Freud, o desejo é tudo aquilo que gera prazer depois de um desprazer, outrossim, é o desejo que põe o movimento do aparelho psíquico em jogo, porquanto busca uma relação de equilíbrio das excitações (manter o aparelho psíquico sem excitações)⁶ com o fim de realizar aquela primeira forma de prazer novamente (MOZANI, 2005, p. 130). O desejo movimenta o indivíduo e se origina dos processos primários e primitivos de excitações em busca da satisfação (FREUD, 2019 [1900], p. 652). Além disso, o desejo se dá no plano psíquico buscando reinvestir na imagem mnésica que antes fora prazerosa, ativando “um circuito bem ligado, fortemente conectado, de representações” (MONZANI, 2005, p. 128). O inconsciente é composto de representações de natureza sexual e são primeiramente objetos do recalque.

O acúmulo de excitação é vivido como desprazer, e coloca o aparelho em ação com vistas a repetir a vivência de satisfação, que envolveu um decréscimo da excitação e foi sentido como prazer. A esse tipo de corrente no interior do aparelho, afirmamos que só o desejo é capaz de pôr o aparelho psíquico em movimento e que o curso da excitação dentro dele é automaticamente regulado pelas sensações de prazer e desprazer. (FREUD, 2019 [1900] p. 340 §29)

Em *O homem do lobo*, Freud diz que esta cena primária (recalque originário) - que possuía um conteúdo específico, o coito entre os pais, fora reativada, ou seja, “compreendida” pela criança posteriormente. Freud pressupõe então algum tipo de conhecimento preparatório agindo na criança para que ela reconhecesse como tal posteriormente, e o recalcase (FREUD, 2010 [1918], p. 159). Freud considera algo anterior, um instinto animal primitivo como

⁵ Não compreende, pois, as características do julgamento cabem aos processos do *Pcs.*, e dizem respeito ao teste de realidade, à capacidade de distinção entre o que é representado daquilo registrado pela percepção proveniente do mundo exterior. Esta função é adquirida ao longo do desenvolvimento. Neste caso, ainda não está desenvolvida.

⁶ Para Freud o princípio econômico do aparelho psíquico tenta levar ao nível mais baixo de excitação possível, nos estímulos externos ou a respeito das pulsões; é preciso frisar, portanto, que sensações de prazer-desprazer podem estar ligadas a sensações físicas não pulsionais, mas neste caso, a referência diz respeito as pulsões e não aos estímulos exteriores.

núcleo do inconsciente (*Es*)⁷. Para Freud, o inconsciente adviria de uma herança filogenética⁸, uma atividade mental primitiva que posteriormente seria “encoberta” pela razão humana (*Pcs-Cs*) (FREUD, 1999 [1918] p. 159)⁹. Assim, mesmo que a cena primária constitua como polo atrativo do recalque originário, Freud precisa supor de antemão um núcleo do inconsciente, um símile do instinto animal que atraia e recalque a representação (cena primária).

Segundo Mezan (2005), a busca da cena primordial leva Freud a pensá-la sob a forma do mito ou da fantasia, mas nem todas as cenas são frutos das fantasias. Assim, por não conseguir comprovar a realidade concreta da cena, Freud recorre à noção de fantasias originárias e retorna à questão filogenética (MEZAN, 2005, p. 473). O conteúdo do recalque originário é constituído por representantes da pulsão com caráter sexual, que são “imagens” que não têm significação ou julgamento e por isso são recalcadas (recalcado original); além disso, têm suas origens em vivências excessivamente fortes e ligadas à sexualidade (na obra *O homem dos lobos*, em que é testemunhado pelo garoto o coito dos animais, a fantasia remodela a realidade para o que pareceu à criança o coito entre os pais¹⁰). Freud alerta para a existência deste conhecimento preparatório da cena que posteriormente a fizesse ser recalcada, um certo “saber instintivo dos animais” (*instinktiven Wissen der Tiere*).

Há, portanto, algo já existente no indivíduo; um “instinto animal”, resíduos de estruturas de certas classes de animais que delimitam um outro tipo de saber, algo como uma preparação ou compreensão que age na criança, parte do patrimônio instintivo do mesmo gênero dos animais, que existe também no homem – que seria a base para que ocorressem fixações deste grau representacional através de um contrainvestimento (FREUD, 1976 [1925], p. 29) - uma defesa de excitação do exterior que rompe. Ao pensar na questão do problema do recalque

⁷ A monografia trabalhará predominantemente com a Primeira Tópica, mas trazendo textos da Segunda Tópica que possuem elementos para esclarecer algumas formulações da Primeira.

⁸ A inscrição ou fixação tem seu histórico localizado na história primitiva e coletiva, apesar de ser determinada numa história individual, no qual a observação ao coito dos pais fora uma memória ou traço herdado filogeneticamente. Deste modo, as fixações advêm de uma sequência filogenética (CORREA, 2015, SILVEIRA, 2017, p. 182).

⁹ Para Garcia-Roza (2009), a hipótese da herança filogenética testemunha a dificuldade de Freud para encontrar uma explicação convincente para o recalque originário, ao mesmo tempo que não pode prescindir desse mecanismo (GARZIA-ROZA, 2009, p. 161).

¹⁰ Esta cena foi uma reconstrução feita por Freud na clínica, mas há de se notar que Freud coloca a origem da elaboração da fantasia originária num substrato de uma vivência num evento individual, na apreciação do garoto no coito dos animais (MEZAN, 2005, p. 478). A demanda de conciliar os acontecimentos ontogenéticos com as explicações filogenéticas é um problema em Freud. Mesmo ao aceitar a ideia de que pela ontogênese reproduz-se a filogênese, para Enriquez (1983), este argumento é problemático: “ele (Freud) mostrou-nos anteriormente, e em várias outras vezes, que nada desaparecia no ser humano; que, tornando-se adulto ele continuava criança, que ele sentia sempre a nostalgia paterna.” (ENRIQUEZ, 1983, p. 92).

primário, é preciso uma complementação para a questão acerca do instinto animal que atua no recalçado originário expressa na obra *Mal-estar na civilização*. O instinto animal, segundo Freud, existiria desde a era antropoide, mas com o homem, este sofreu um deslocamento em detrimento de um excesso constituinte do ser humano.

O que leva este instinto animal a se tornar base da fixação, ou seja, permanecer no inconsciente é característica de um desenvolvimento da civilização necessário para a cultura. Ocorre quando da era antropoide (animal) para a era dos homens sucede-se um deslocamento dos instintos da sexualidade e da satisfação genital. Se para o animal o seu instinto é ainda dependente da sua fisiologia e periodicidade para o acasalamento, o homem - mesmo que ainda possua uma periodicidade orgânica da procriação sexual - possui uma satisfação genital, excitação e desejo sexual que independem da periodicidade¹¹; Nas palavras de Freud, o desejo sexual se instala como “inquilino permanente”; não irá mais depender dos períodos de “acasalamento”, “férteis” da fêmea como depende o animal, o que dá origem à pulsão como aquela marca de um excesso incapaz da função biológica atuar:

Um excesso que deve ser trabalhado e operado de maneira diferente e num nível diferente, já que as funções biológicas são incapazes de absorvê-lo. Esse parece ser, no nosso entender, um dos supostos primário da concepção freudiana de aparelho psíquico, de suas funções e finalidades. (MONZANI, 2005, p. 133)

A sexualidade a partir da civilização segue um caminho independente, pois o macho precisará da mulher não só para procriação, mas em função e sujeição do desejo sexual (FREUD, 2010 [1930] p. 61).

A periodicidade orgânica do processo sexual foi mantida, mas o seu efeito na excitação psíquica reverteu no oposto. Essa mudança está ligada antes de tudo à retração dos estímulos olfativos, através dos quais o processo de menstruação atuava sobre a psique masculina. O seu papel foi assumido por excitações visuais, que, contrastando com os estímulos olfativos intermitentes, podiam ter um efeito permanente. O tabu da menstruação deriva dessa “repressão orgânica”, como defesa contra uma fase de desenvolvimento superada; todas as outras motivações são provavelmente secundárias (...). O encadeamento parte daí, através da depreciação dos estímulos olfativos e do isolamento da menstruação, até a preponderância dos estímulos visuais, a visibilidade que obtêm os órgãos genitais, chegando à continuidade da excitação sexual, à fundação da família, e com isso ao limiar da cultura humana. (FREUD, 2010 [1930] p. 61 n. 14)

Assim, é a continuação deste instinto animal agora independente de um ritmo biológico, que levará a instalação do desejo de maneira permanente e é ele o núcleo do inconsciente que Freud trata no recalçamento primário como o contrainvestimento da cena que a recalca. É possível ver também na narrativa psicanalítica, que Freud coloca já de início o problema do recalque orgânico (*organischen Verdrängung*) na obra *Mal-estar* como pré-condição da

¹¹ Cf. MONZANI, 2005, p. 132.

sucessão das formações psíquicas humanas. Essa pré-condição é uma hipótese de trabalho, na qual o recalçamento orgânico seria esta pré-condição para o recalçamento primário e secundário que será tratado a seguir; portanto, faz-se necessário uma pesquisa nesta anterioridade das instâncias psíquicas a fim de saber seus possíveis determinantes à psique.

Por meio do recalque desse instinto animal ocorre o desenvolvimento da moral como necessidade que surge dado esta “satisfação” transbordar ao indivíduo e necessitar de restrições e proibições no meio familiar devido a este instinto, que se mostra, sob a forma da repulsa olfativa¹² e mais à frente no desenvolvimento cultural, como tabu do incesto e totemismo. Aqui, se tem o esboço pré-histórico da inscrição e do advento ainda em germe dos modos de existir da realidade psíquica indiferenciada do eu consciente. Retornando à cena primária, pressupõe-se um esquema¹³ independente que se adequaria de maneira espontânea sendo velado pelo conteúdo individual, levando aos conflitos infantis entre a vivência da realidade material e ao esquema pertencente à realidade psíquica, que não contém apenas produtos do recalçado da vida do indivíduo, mas traços mnêmicos de eras primitivas.

Porém essa adequação espontânea ocorre quando tais vivências individuais vêm a preencher o esquema, ou seja, ele é ativado *caso a vivência necessitar*, e é preciso ressaltar que o produto que atinge ao eu consciente da criança vem deformado pela censura do pré-consciente, o que nos induz a pensar que o eu consciente opera minimamente a partir dos traços mnésicos individuais, mesmo recorrendo aos traços da herança filogenética como ocorreu em *O homem dos lobos* (MEZAN, 2005, p. 480).

A explicação filogenética¹⁴ terá reflexos até mesmo quando Freud elabora as fantasias originárias, concedendo ao inconsciente um lugar aquém da experiência do sujeito singular quando o sujeito perde constância com a experiência concreta, “o que vemos na história primitiva da neurose é que a criança recorre a essa vivência filogenética, quando sua própria

¹² A relação também do deslocamento deste instinto ligado a periodicidade, da capacidade dos estímulos visuais (pelo fato do macho e da fêmea estarem em pés e nus e não mais na situação quadrúpede), faz com que a satisfação genital seja instigada pelo olhar, e não mais pelo meio olfativo que depende dos períodos biológicos “fêrteis” para o acasalamento. O olfato ligado a periodicidade passa a ser reprimido. A hipótese de trabalho é que o recalçamento orgânico explicitado seja pré-condição do desenvolvimento da moral e daquilo que acontecerá na obra *Totem e tabu* (1912-1913).

¹³ Há lugares não adquiridos pelo indivíduo como o núcleo do inconsciente, o qual a noção de fantasias originárias esquematiza esse lugar por serem “esquemas pré-individuais que informa as experiências sexuais infantis do sujeito” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001 [1924] p. 237).

¹⁴ Freud diz respeito aos esquemas filogeneticamente herdados, à maneira de categorias filosóficas, que seriam os precipitados da história da cultura humana, precipitados que funcionam como esquemas autônomos ao completarem as vivências individuais pelas fantasias. Vivências que não se encaixam neste esquema hereditário são remodeladas na fantasia e o conflito infantil e neurótico se abastece dessa discrepância filogenética com aquilo que é individual e ontogenético (FREUD, 2010 [1918], p.158).

vivência não basta” (FREUD, 2010 [1917-1920] p. 159). Assim, a psicanálise “depara com as pistas do que foi herdado, após penetrar pelos estratos do que foi adquirido individualmente” (FREUD, 2010 [1918] p. 159). Do herdado, o desejo é instalado de maneira permanente encenado pelas fantasias que carregam as heranças ancestrais sob alicerces não somente da realidade psíquica, mas daquilo que Grubrich (1987) chamará de “metabiologia”, mecanismos biológicos e heredogenéticos (GRUBRICH, 1987, p. 111) que Freud une à sua metapsicologia. Conclui-se que o núcleo da questão é filogenético.

Anterioridade do aparelho psíquico na obra “Totem e tabu (1912-1913)”

Conforme o encaminhamento da pesquisa nesta primeira seção, a fim de compreender qual é o esboço pensado por Freud para delinear uma pré-história das instâncias psíquicas indiferenciadas, ou seja, da “anterioridade” destas instâncias, torna-se necessário uma análise atenta da obra *Totem e tabu* (1912-1913) visto que é neste escrito que o material da filogênese é constituído¹⁵ ao se pensar numa pré-história da espécie humana.

Assim consideramos os que são chamados de selvagens ou semisselvagens, cuja vida psíquica tem especial interesse para nós, se nela pudermos reconhecer um estágio anterior e bem conservado de nossa própria evolução. Se esta premissa for correta, uma comparação entre a “psicologia dos povos da natureza”, tal como é ensinada pela etnografia, e a psicologia dos neuróticos, tal como foi revelada pela psicanálise, mostrará numerosas coincidências e nos permitirá ver sob nova luz fatos já conhecidos das duas disciplinas. (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 18)

Não apenas, em *Totem e tabu* (1912-1913), o mito científico darwiniano e as considerações do totemismo e do tabu do incesto formam uma espécie de amálgama de acontecimentos pré-históricos que serão introjetados na psique humana ou são verificáveis externamente, como nos sintomas e formações culturais sob a forma de mecanismos e imperativos morais, como o recalque ou instância repressora, a ameaça da castração e proibições morais (a exemplo do tabu) e igualmente representações de desejo, como o complexo paterno e o Édipo, assim como parte da disposição afetiva do psiquismo, disposta como a ambivalência de sentimentos. Cabe averiguar como estes “atores” surgem em cena e determinam posteriormente o aparelho psíquico do neurótico pela relação tópica e energética entre as instâncias, sob o imperativo desta pré-história ainda atuante no inconsciente.

¹⁵ Existe um espelhamento do homem neurótico e da criança com o primitivo, no sentido de que o desenvolvimento das atitudes infantis individuais espelha o desenvolvimento da espécie humana, e que, portanto, a infância humana espelha o início do desenvolvimento primitivo (LEBRUN, 1985, p. 96). Neste sentido, a ontogênese recapitula a filogênese (LEBRUN, 1985 p. 99).

A obra, dividida em IV partes, demonstra de início o interesse de Freud em compreender como povos selvagens, principalmente aqueles com os empreendimentos sociais (linguagem, moradia, trabalho, arte e técnica) mais rudimentares e escassos, intentaram limitações à pulsão sexual principalmente em vista à relações sexuais incestuosas (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 19); há nestes povos uma limitação ante a meta da pulsão sexual que impede a satisfação genital entre parentes; esta limitação ou proibição é exercida por duas instituições sociais rudimentares: o tabu e o totemismo¹⁶. Segundo Freud, a organização social dos selvagens é instituída a fim de corroborar com a proibição das metas que advém do sistema totêmico que primeiro proíbe a alimentação e assassinato do animal totêmico e além disso, a “proibição de vínculos sexuais entre membros do mesmo clã (ou totem), aparece como meio apropriado para evitar o incesto de grupo, meio que se tornou fixo e persistiu por longo tempo após sua motivação” (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 27 - parênteses meu). A organização social totêmica ou tribal tem estas duas leis fundamentais que devem ser obedecidas, e é a partir destas proibições que o elemento da proibição do incesto é necessário para organizar todas estas sociedades em questão (ENRIQUEZ, 1983, p. 35).

A necessidade destas duas regras é de início obscura na obra; em relação ao incesto, Freud conclui que os primitivos são mais sensíveis que nós, por possuírem maior inclinação a realização do ato e por isso criaram largas restrições e severas punições a quem cometesse o ato incestuoso (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 30). Ou seja, há aqui a consideração de Freud de que o desejo de incesto está presente nas sociedades ao longo do tempo e estas mais primitivas tem o desejo de incesto de maneira mais forte (ENRIQUEZ, 1983, p. 35). A exemplo da criação de costumes e restrições criados para evitar relações sexuais entre membros do totem, que impedem, ou melhor, proíbem o encontro, tem-se como exemplo diversos costumes: a proibição do encontro entre sogra e genro, irmãos e irmãs, tudo isto a fim de controlarem a possível tentação à relação sexual e incestuosa. Freud delimita para o leitor que não há apenas tentações de cunho consciente nos selvagens em que a proibição é direta, como a da hereditariedade totêmica, mas já existem tentações formadas

¹⁶ “Suas tribos dividem-se em clãs ou estirpes menores, cada qual nomeado segundo seu totem (na maioria das vezes o totem é um animal e na minoria, planta). (...) O totem é, em primeiro lugar, o ancestral comum do clã, mas também seu espírito protetor e auxiliar (...) Os membros do clã, por sua vez, acham-se na obrigação, sagrada e portadora de punição automática, de não matar (destruir) seu totem e abster-se da carne (...) O totem é transmitido hereditariamente, por linha materna ou paterna (não consanguineamente, mas de acordo com a hereditariedade materna ou paterna ao totem)”. (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 19 - parênteses meu). O totemismo é, nestas sociedades primitivas, a base das obrigações e restrições morais.

inconscientemente através da fantasia, como é o caso que sugere restrições por parte da sogra e do genro.

Freud observa que assim como no neurótico, a tentação ao incesto para os selvagens ocorre a partir de “elos intermediários inconscientes” (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 40). A exemplo da restrição entre sogra e genro, há, segundo Freud, uma regressão ao objeto sexual da mãe (proibição totêmica direta) que devido a restrição, identifica este objeto perdido (a mãe) na sogra (costume indireto de proibição). Não à toa, em um ensaio anterior sobre a sexualidade infantil, Freud diz:

Mesmo quem conseguiu evitar a fixação incestuosa da libido não escapa inteiramente à sua influência. Uma nítida ressonância dessa fase de desenvolvimento ocorre quando a primeira paixão séria de um homem jovem - algo frequente- é uma mulher madura, e a de uma garota é um homem mais velho e possuidor de autoridade, que são capazes de reavivar neles a imagem da mãe e do pai, respectivamente. *Em geral, a escolha do objeto se faz apoiando-se mais livremente nesses modelos (da mãe e do pai).* (FREUD, 2016 [1905], p. 151)

Ao pensar na sexualidade infantil, em que a observância da barreira contra o incesto direciona a criança à exclusão do objeto sexual identificado nas figuras paterna ou materna e também parentes sanguíneos e pessoas amadas na infância (FREUD, 2016 [1905], p. 147), a barreira contra o incesto no ensaio de 1905 é antes de tudo uma exigência cultural que leva a criança à metas sociais mais elevadas. Não obstante, a barreira contra o incesto que na criança é posteriormente formalizada no núcleo familiar, anteriormente era tratada como *obrigação social dos clãs*, tal como observa-se no totemismo e nas proibições incestuosas. Freud vê a necessidade a agregar nas considerações concernentes a lei exogâmica uma “instância interditora” ou repressora que impede a satisfação da pulsão de maneira imediata, questão “decisiva à qual todo corpo social deve responder para alcançar relações estabilizadas e simbolizadas” (ENRIQUEZ, 1983, p. 35 e 36). Nos *Ensaio* (1905), Freud conclui:

A barreira contra o incesto é provavelmente *uma das aquisições históricas da humanidade, e, como outros tabus morais, já estaria fixada por herança orgânica em muitos indivíduos (...)* A investigação psicanalítica mostra que o indivíduo ainda luta intensamente com a tentação do incesto em seu desenvolvimento e que muitas vezes *sucumbe a ela na fantasia e até mesmo na realidade.* (FREUD, 2016 [1905], p. 148)

O horror ao incesto presente nos selvagens é existente nos neuróticos (mesmo sendo mais sutil) como herança ou disposição advindas como necessidade da civilização. Por isso Freud atravessa o horror ao incesto do selvagem até aquele encontrado no neurótico; ambos, diz Freud, “constitui um traço peculiarmente infantil” (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 41), marca de um infantilismo psíquico por regredir aos objetos familiares proibidos (mãe, irmã/irmão, pai). Também no indivíduo menos rudimentar, sua escolha objetal infantil é incestuosa e sua

proibição não é contingente: advém do processo rudimentar do horror ao incesto dos primitivos. No neurótico, as fixações incestuosas da pulsão sexual possuem um papel determinante da psique inconsciente e nos compromissos com a consciência (sintomas). Também os selvagens veem como ameaça e se defendem rigorosamente dos desejos incestuosos através de restrições (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 41). O primeiro capítulo de *Totem e tabu* expressa como papel determinante do funcionamento e desenvolvimento cultural da psique, a existência de desejos incestuosos inconscientes e por outro lado, a severa proibição coletiva e horror destes, necessário para a civilização (ENRIQUEZ, 1983, p. 36).

Mais adiante, na seção II de *Totem e tabu*, há uma tentativa maior de compreensão do funcionamento do tabu, que é resumido do seguinte modo:

“Trata-se, então, de toda uma série de restrições a que se submetem esses povos (...) E estão convencidos de que uma transgressão (às restrições) será punida automaticamente (...) é denominado tabu, enfim, conforme seu sentido literal, algo simultaneamente sagrado, acima do habitual, e perigoso, impuro, inquietante”. (FREUD, 2012 [1912-1913], págs. 46, 47, 48 - parênteses meu).

O que motiva Freud para entender o tabu é sua similaridade com as proibições morais e tradicionais obedecidas pelo indivíduo contemporâneo; compreender o tabu, é em suma, esclarecer a origem ou fonte da nossa moralidade ou kantianamente falando, “imperativo categórico” advindo de forças psíquicas humanas (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 48). O objeto de tabu é ao mesmo tempo venerado e temido, tragado por uma força “demoníaca” aos selvagens que impele ao objeto do tabu o fato de “não ser tocado”. Ao se pensar o tabu sob os pressupostos da psicanálise - principalmente da parcela inconsciente presente em cada indivíduo - o fenômeno do tabu não está tão distante assim do contemporâneo. Freud traça similaridades entre os costumes do tabu e as proibições ou sintomas do neurótico obsessivo:

“Pois sabe de pessoas (neuróticos obsessivos) que individualmente criaram para si proibições de tabu, e que as seguem de forma tão rigorosa como os selvagens obedecem às que são comuns à sua tribo ou sociedade. Se não estivesse habituado a designar tais pessoas como ‘doentes obsessivos’, acharia apropriado o nome de ‘doença do tabu’” (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 53 - parênteses meu).

As semelhanças entre o tabu e os sintomas obsessivos que resultam em proibições é apresentada por Freud durante a seção; eis aqui alguns exemplos. Em ambos (sintomas obsessivos e o objeto de tabu): a motivação é desconhecida e enigmática em sua origem (FREUD, 2012 [1912-1913], p.54); a transgressão dessa proibição acarreta em males; há o medo do toque (*délire de toucher*) tanto em pensamentos quanto em contato direto; bem como, resta proibições em que seus propósitos são inexplicáveis, como quando há ocorrência

de “ritos” ou “cerimônias”¹⁷ a fim de desviar da tentação de infringir o tabu ou a ideia obsessiva; por último, pode-se citar o fácil deslocamento das proibições obsessivas, que acabam por invadir outros objetos, como que por transmissão e contágio; isto também revela-se no tabu (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 55). Tanto o selvagem quanto o neurótico obsessivo renunciam e limitam sua vida por alguma “pressão” aparentemente inexplicável (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 57).

Ao se pensar na neurose obsessiva e sua relação sintomática com o objeto da proibição, Freud conclui que a principal característica do sintoma obsessivo expressa *a contradição em obedecer à proibição externa a um desejo de caráter sexual* que por esse motivo é recalcado no inconsciente. Sustenta-se sobretudo nessa dinâmica tanto a *pulsão sexual* que impele a realização do proibido no inconsciente, quanto a *própria proibição*; essa “situação não resolvida”, a existência do conflito entre disposição Cs. e Ics. resulta numa fixação resultante do sintoma obsessivo (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 58). O conceito que Freud mais vincula ao caráter do sintoma obsessivo (indicado na contradição pelo “querer e não querer”) e *também ao tabu* é a de uma *atitude ambivalente ante o objeto*.

Assim como Freud, que na clínica reconstrói a história de seus pacientes até a tenra infância pelas fantasias ao elaborar uma pré-história individual, a obra *Totem e tabu* e *Moisés e o monoteísmo* são reconstruções da pré-história universal nuançada pela trama e vestígios do inconsciente que se repetem na clínica e dão cor à história do gênero humano. Ao pensar a noção de história como acontecer humano, esta só é alcançada em vista da história *reconstruída* por meio da experiência (*Histoire*) e pela forma de como ela ocorreu para cada homem que a vivenciou (*Historische*) em contraposição à *Geschichte* (a história real e objetiva, que é inatingível absolutamente) (FREUD, p. 14, 1975 [1939 [1934-38]]). Ou seja, Freud busca constituir a história do homem primitivo sob o invólucro das fantasias.

A partir daquilo que a antropologia e a etnologia delineou, Freud então buscará compreender por meio de um retorno ao passado mnêmico, o homem em sua *singularidade* (NOVAIS, 2008 p. 20). Tendo em vista que o historiador não pretende retratar um passado real, constituído por verdades absolutas e por onde a ciência da mente de sua época se limitava, Freud se utilizará por meio da historiografia e relato dos analisandos a sua própria condição de elucidação analítica e reconstrução da experiência histórica arcaica (CERTEAU, 2016

¹⁷ Para Freud, o apoio mais sólido na comparação entre as proibições dos tabus aos sintomas neuróticos encontra-se nas cerimônias dos tabus, que demonstravam uma atitude ambivalente presente também nos rituais neuróticos, em que o ato cerimonial/obsessivo é uma proibição à proibição, *mas sobretudo uma repetição do proibido* (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 88).

[1986] p.120). É legítimo, portanto, Freud reconstruirá a história do tabu segundo o modelo das proibições obsessivas (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 60) ao pensar que as proibições do tabu, antiquíssimas e impostas por gerações tornaram-se proibitivas pelo forte pendor de realizá-las.

No tabu, as proibições eram impostas pelas autoridades, tradições e sociedade; posteriormente se “organizaram, dentro de organizações posteriores, como parte do patrimônio psíquico herdado” (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 60). Aqui, a história universal e a individual se atravessam em torno da constituição do tabu e dos sintomas neuróticos. O neurótico revisita o tabu como vestígio mnêmico de uma história reconstruída.

Quem pode decidir, no caso em questão, quanto à existência de ideias inatas, e se elas determinaram a fixação do tabu, sozinhas ou juntamente com a educação? Mas uma coisa certamente resultou da permanência do tabu: o desejo original de fazer o proibido continua a existir nos povos em que há o tabu. Eles têm, em relação a tais proibições, uma *atitude ambivalente*; nada gostariam mais de fazer, em seu inconsciente, do que infringi-las, mas também têm receio disso; receiam justamente por que querem, e o temor é mais forte que o desejo. *No entanto, o desejo é inconsciente em cada indivíduo desse povo, tal como no neurótico.* (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 60 e 61 - itálico colocado por mim)

As obras *Totem e tabu* e *Moisés e o Monoteísmo* são exemplares nesta construção do desenvolvimento humano sob o ponto de vista das fantasias e da historiologia. Essencial para conhecer o homem, é conhecer seu passado ao restituir as memórias esquecidas por meio de um retorno ao esquecido e ao passado - característico de Freud e presente até mesmo quando narra seus casos clínicos ao ver que pelos sintomas dos pacientes, o passado remoto se constitui ali como formador do indivíduo ao considerar a memória como condição instituinte da humanização (NOVAIS, 2008 p.17). É necessário para Freud reconstruir tanto a história dos seus pacientes numa relação transferencial como também a da humanidade e civilização, que servirão de base para compreender o indivíduo.

No tabu, as maiores proibições recaem conseqüentemente nas duas leis fundamentais do totemismo: a proibição de “liquidar” o animal totêmico e evitar relações sexuais com pessoas do sexo oposto e do mesmo totem (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 61). Se estendermos a atitude ambivalente a estas regras totêmicas, que são tabus, conclui-se que as duas proibições fundamentais são os maiores apetites e desejos humanos inconsciente, não obstante, as duas leis fundamentais do totemismo são para o neurótico “o ponto nodal dos desejos infantil e como núcleo da neurose” (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 61).

Assim, prova-se através da ambivalência (existência de um desejo inconsciente e contra-desejo consciente na mesma representação) dos sintomas neuróticos e das proibições

do tabu uma concordância psicológica entre ambos sob o caráter ambivalente: “as determinantes psicológicas do tabu são as mesmas que conhecemos na neurose obsessiva” (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 66). A atitude ambivalente expressa-se além do que no tabu e proibições sintomáticas e aqui sugere um movimento mais sutil, já que se expressará não somente como parte do patrimônio psíquico herdado, mas no *funcionamento afetivo* da psique: a ambivalência dos sentimentos ou atitude emocional ambivalente original na qual o obsessivo se mostra em altíssimo grau, e em menor grau é base das relações de reconhecimento e diferenciação entre indivíduos sob o mote da contradição introjetada no indivíduo entre desejo e proibição no mesmo objeto; neste sentido uma questão pode ser colocada: seria a ambivalência afetiva parte dos rastros do processo de desenvolvimento da diferenciação entre indivíduos? À exemplo do luto e como exemplo da ambivalência afetiva, Freud expõe:

Não é que o indivíduo enlutado realmente seja culpado da morte ou tenha incorrido em negligência, como afirma a recriminação obsessiva; mas nele havia mesmo algo, um desejo inconsciente para ele próprio, que não ficaria insatisfeito com a morte e que a teria provocado, se tivesse poder para isso. É contra esse desejo inconsciente que reage a recriminação, após a morte da pessoa amada (que como objeto pulsional, é odiada também, esta é a ambivalência afetiva). Essa hostilidade oculta por trás do amor, no inconsciente, existe em quase todos os casos de intensa ligação afetiva a determinada pessoa, é o caso clássico, paradigma da ambivalência dos afetos humanos. Essa ambivalência se acha, em maior ou menor grau, na constituição de todo indivíduo. (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 102 - parênteses meu)

Ao se pensar nas discrepâncias entre o contemporâneo e o selvagem, podemos citar dois casos: a diferença “projetiva” e a intensidade da ambivalência. Nos casos de forte ambivalência afetiva nos primitivos, um dos mecanismos de resolução do conflito causado pela ambivalência é o da projeção, por exemplo, a projeção da hostilidade inconsciente para o externo, sob a forma da existência de demônios¹⁸. Freud assim delineia outro aspecto primitivo do aparelho psíquico ao pensar tal mecanismo projetivo e a gênese das demais instâncias; de forma geral, o mecanismo primitivo da projeção não é criado apenas sob a forma de defesa, como no exemplo deste parágrafo. É também um mecanismo primitivo geral de projeção de percepções internas para o meio externo; a projeção neste sentido ocorre nas percepções (sentido progressivo e percepção do mundo pelos sentidos) e também a partir de processos afetivos e intelectuais de maneira persecutória, quando na verdade deveriam ser

¹⁸ Freud compartilha o pensamento de Hume, em *História natural da religião*, ao considerar que o homem é aquele que transfere aos objetos, animais e a eles mesmos, qualidades que conhecem, do nível mais alto, como transferir a um objeto inanimado a existência de uma alma ou poder superior de inteligência, ou de hostilidade para com o meio externo (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 124) - o selvagem descobre o mundo o identificando a si mesmo, procura incorporá-lo a si ou rejeitá-lo, pois ainda não reconhece um “eu” e um “outro” - à exemplo do canibalismo, que ao assimilar partes do corpo da pessoa, o indivíduo se apropria, incorpora, característica da pessoa que serviu de alimento. (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 131).

encaradas como processos internos, pertencente a quem projeta (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 107).

Apenas com o desenvolvimento da linguagem de pensamento (Pcs./Cs.) que o interno é tratado como interno, por exemplo, em relação ao pensamento - que agora se conecta a resíduos sensoriais da representação verbal com os processos internos do pensamento e afetivo - que não é mais projetado (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 108). O segundo caso, a própria ambivalência, há de se destacar que os primitivos tinham um grau maior de ambivalência que o contemporâneo, o que resultou ao longo do desenvolvimento no desaparecimento do tabu e sua semelhança apenas nos casos das neuroses, obrigados a reproduzir a “doença do tabu” como constituição arcaica (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 110).

Por trás do processo projetivo dos selvagens há o predomínio, segundo Freud, do princípio da associação de ideias como aquele que pela contiguidade, semelhança e contraste de representações, adequa-se ao objeto externo por projeção, levando a corresponder o pensamento com o mundo externo factual, ao tomar um vínculo ideal e interno por um real e externo. Se o raciocínio selvagem predominava-se por associação de ideias, livres, pode-se concluir que o móvel de suas ações era o desejo, superestimado pelo pensamento em contraposição a realidade factual (FREUD, 2012 [1912-1913], págs. 132 a 135). Desse modo, seu pensamento era dado como absoluto em relação a facticidade.

As conseqüências psíquicas têm de ser as mesmas nos dois casos, seja quando o superinvestimento libidinal do pensamento é original, seja quando é alcançado regressivamente: narcisismo intelectual e onipotência dos pensamentos. Se é lícito vermos, na demonstrada onipotência de pensamentos entre os primitivos, uma evidência em favor do narcisismo, podemos arriscar uma comparação entre as etapas de desenvolvimento da concepção humana do universo e os estágios de desenvolvimento libidinal do indivíduo. Então a fase animista corresponde, tanto cronologicamente como em termos de conteúdo, ao narcisismo (...). (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 142)

Tanto o mecanismo de projeção quanto a onipotência dos pensamentos resultante, alude à onipotência dos pensamentos das crianças, megalomaniacos, obsessivos e demais neuroses, que possuem um traço marcadamente narcísico e autoerótico¹⁹, pela frustração e regressão à

¹⁹ Freud esclarece muito bem acerca do narcisismo e dos povos primitivos num ensaio posterior à *Totem e tabu*, o ensaio *Introdução ao narcisismo*, de 1914. Nele, Freud relaciona a teoria da libido às observações da vida psíquica na criança e nos primitivos, em que há traços atribuídos à megalomania: “superestimação do poder de seus desejos e atos psíquicos, a ‘onipotência dos pensamentos’, uma crença na força mágica das palavras, uma técnica de lidar com o mundo externo, a ‘magia’, que aparece como aplicação coerente dessas grandiosas premissas” (FREUD, 2010, (1914), p. 17). É através da ideia de um investimento libidinal originário do eu, que persiste e não é ao todo esgotado nos objetos. Esta fase narcísica de investimento no eu pode ser reforçada, fixada novamente ao relacionar com os objetos libidinalmente indiferenciados ao eu. O narcisismo e sua relação com os primitivos, que atribuem ao pensar “sexualizado”, levando a onipotência do pensar, no neurótico o

desejos não mais adequados ao evidenciar que pelo sintoma há “uma superestimação dos processos psíquicos internos (fantasias, ideias obsessivas e representações de desejo) em relação à realidade”(FREUD, 2012 [1912-1913], págs. 138 - parênteses meu). A onipotência dos pensamentos presentes nos selvagens também é traço determinante e constitucional para a neurose (FREUD, 2012 [1912-1913], págs. 138), visto que no geral ela é uma fuga em direção as fantasias frente a uma realidade insatisfatória (ENRIQUEZ, 1983, p. 40)²⁰.

Devemos conceder aos impulsos psíquicos dos homens primitivos um maior grau de ambivalência do que o encontrado no homem civilizado de hoje. Decaindo essa ambivalência, desapareceu lentamente o tabu, o sintoma de compromisso do conflito de ambivalência. Podemos dizer dos neuróticos, obrigados a reproduzir essa luta e o tabu dela resultante, que trouxeram consigo uma constituição arcaica como resíduo atávico, cuja compensação, por exigência da cultura, força-os a um enorme dispêndio psíquico. (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 110)

A concluir, Freud considera que o próprio tabu é uma ambivalência em si, que atravessa o neurótico contemporâneo por sinalizar a corrente conflituosa do desejo inconsciente com as recriminações e proibições externas introjetadas, da cultura ou do meio. O tabu possui um duplo sentido, assim como o compromisso sintomático que carrega os opostos. Também, o narcisismo adentra na história evolutiva ao modelar o processo cultural dos primitivos; sua continuidade acarreta no desenvolvimento libidinal infantil e no adulto quando este narcisismo constitucional é fixado e nunca superado, visto ser forma primordial de satisfação.

Além do mais, sendo o tabu um limitante à pulsão sexual ou impulsos sexuais, desejos inconscientes incompatíveis ao meio, sua compreensão (a do tabu) “lança luz sobre a natureza e a gênese da consciência moral [*Gewissen*]” (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 112). Ter consciência do tabu [*Tabugewissen*]- das proibições e restrições que resultam no estabelecimento das instituições sociais, seja família, religião ou estado e também dos costumes e cultura- é por fim adquirir consciência de culpa do tabu, caso houver transgressão [*Tabuschuldbewusstsein*]. O tabu é a marca da existência da consciência, como marca distintiva daquilo que se sabe com distinção do que é preciso frear, ou seja, limitar ou desviar das demandas do inconsciente a partir de convenções (cultura) (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 112).

narcisismo é constitucional, porém o recalque leva ao pensamento um processo de “sexualização”, ou seja, de retorno ao eu como objeto (FREUD, 2012 [1912-1913], págs. 141).

²⁰ Com a finalidade de não negativar completamente a onipotência dos pensamentos à produções sintomáticas e contrárias ao *socius*, cabe ressaltar a importância da onipotência dos pensamentos na construção da arte e literatura - em que há a projeção da ambivalência, dos conflitos que perturbam o indivíduo ou sociedade nas diferentes modalidades artísticas (escrita, pintura, teatro, cinema, literatura, poesia, etc) dando um lugar legítimo na cultura aos impulsos mais arcaico (ENRIQUEZ, 1983, p. 41).

Pois o que é “consciência” [*Gewissen*]? Conforme o testemunho da linguagem, é aquilo que se sabe com a maior certeza [*am gewissesten weiss*]; há línguas em que sua designação mal se distingue daquela de consciência. Consciência [*Gewissen*] é a percepção interna da rejeição de determinados desejos existentes em nós. (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 112)

A diferença entre a *Gewissen* e *Bewusstsein* é sutil, sendo a *Gewissen* a consciência como percepção (interna) da rejeição das moções desejo ao se firmar certa e segura [*Gewiss*] de maneira autônoma e independente - de que apenas desejar aquilo sem nem mesmo infringir resulta numa culpa, condenação [*Verurteilung*] interna *no neurótico* (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 112) - esta funciona como uma instância de julgamento moral que não está presente na *Bewusstsein*, instância psíquica consciente de vigília e percepção externa²¹. A concluir: “o tabu é um mandamento da consciência, sua violação faz surgir um terrível sentimento de culpa, que tanto é evidente em si como de procedência desconhecida” (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 112). Isto significa dizer que o tabu é uma renúncia à satisfação de um desejo, que é da ordem da consciência (ENRIQUEZ, 1983, p. 38); do próprio sentimento de culpa da transgressão do proibido emerge a consciência moral como prova de que não há uma renúncia definitiva, mas uma renúncia necessária (ENRIQUEZ, 1983, p. 38).

Na base da constituição de um tabu encontra-se a renúncia à satisfação de um desejo. Entretanto, a renúncia que se expressa em um ritual que compreende diversas privações não é suficiente. O desejo de transgressão parece ter sido tão poderoso que, para impedi-lo de surgir, foi necessário uma força suplementar completando o esforço repressor contido no cerimonial de interdição. Esta força nada mais é do que a consciência moral (produto do sentimento de culpa). (ENRIQUEZ, 1983, p. 38)

Aquilo que se sabe de acordo com a realidade de maneira “alerta”, “responsável” aos desejos, a consciência [*Gewissen*]²², emerge então com base na ambivalência afetiva por meio das relações humanas, pela necessidade de recalcar a representação ou idéia ligada ao afeto (hostil) advindo de um desejo que é desprazeroso ao eu. A saber do mecanismo do recalque, a angústia da consciência [*Gewissensangst*] é uma transformação do montante recalcado da pulsão e prova da consciência de culpa [*Schuldbewusstsein*] (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 113)²³.

²¹ Ambas as palavras *Bewusstsein* e *Gewissen* tem raízes em *Wissen*, que significa “saber”; *gewiss* (adjetivo), significa “certo”, “seguro”, “garantido”, por conta disso a *Gewissen* está mais ligada à consciência de culpa que a *Bewusstsein*, pois mesmo inconsciente está ligada ao julgamento moral. (Cf. nota de rodapé 79, p. 112)

²² O termo *Gewissen* pode significar “responsabilidade”, “escrúpulo”.

²³ A comparação entre neurose e o tabu não é de caráter equiparativo, ademais, Freud reforça a concepção de que a neurose advém de pulsões sexuais, possuem origem sexual; e o tabu, como instituição social, advém de pulsões sociais, que são a junção de “componentes egoístas e eróticos” (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 119). Não obstante, as instituições sociais possuem uma mescla com o erotismo, o que permite Freud articular o social com aquilo que na neurose é associal (visto que a neurose é uma fuga ante a realidade desprazerosa) (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 120).

É apenas no último capítulo de *Totem e tabu* que Freud buscará não apenas uma compreensão histórica de como emergiu totemismo e a proibição do incesto, mas também psicológica, a fim de compreender como se desenvolveu a instituição do totemismo, qual a origem da descendência pelo totem, por que este se relaciona com a proibição do incesto²⁴ e quais os motivos da exogamia. Ao se pensar na compreensão psicológica, uma questão emerge: existiram, neste percurso, necessidades psíquicas que se transporiam à realidade? Se as neuroses e a sexualidade infantil são atravessadas pela historicidade totêmica do tabu, haveria nesta história um vínculo quanto ao surgimento das neuroses e da moral? Para Freud, a resposta é sim e é a partir da conclusão mais geral da psicanálise, de que os primeiros impulsos sexuais dos indivíduos tanto dos selvagens como contemporâneos são de caráter incestuoso, a premissa do horror ao incesto permitirá articular uma pré-história do totemismo à pré-história do desenvolvimento psíquico do indivíduo (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 190).

A resposta a esta questão, dada como “histórico-científica” - pois é aludida através da hipótese de Charles Darwin²⁵ - é o ponto de partida que pretende elucidar as questões acima, principalmente de onde advém o horror ao incesto e o início da exogamia. A hipótese darwiniana acerca do estado primevo do homem (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 193) pode ser descrita deste modo:

Ele deduziu (Darwin), dos hábitos de vida dos macacos superiores, que também o homem viveu originalmente em pequenas hordas, dentro das quais o ciúme do macho mais velho e mais forte impediu a promiscuidade (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 193 - parênteses meu)

Assim, a partir da teoria darwiniana, Freud conceitua que os seres humanos viviam em hordas, em um estado de indiferenciação²⁶ submetidos ao macho despótico em que somente ele usufruía de todas as fêmeas, as “ciumentamente guardaria dos outros homens” (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 193). Para isso, os machos competiam entre si pelas fêmeas. No estado primevo, não havia nada que transbordasse as necessidades fisiológicas/biológicas, o homem nestas condições buscava a sobrevivência e controle da horda pela força. Na horda primitiva observa-se que a única vontade é a do macho - todos os membros da horda não se relacionam pela linguagem e sim pelo ato - pela disputa do mais forte para se tornar o chefe da horda. O

²⁴ Assim como o horror ao incesto.

²⁵ A antropologia de inspiração darwiniana encarava, como elucidada Roudinesco (1998), o “selvagem” como uma “criança”, disto possibilitou atribuir as sociedades uma espécie de “evolução biológica” segundo o qual todas as crianças passariam de um estado selvagem “infantil” para um “adulto” civilizatório (ROUDINESCO, 1998, 236)

²⁶ Não se notava ainda a divisão entre interno e externo - eu e objeto - os demais machos, filhos e irmãos não se reconheciam nestas figuras, pois não havia linguagem; a psique ainda não estava cindida por uma instância superior, assim, a natureza estava ainda estreitamente ligada com o homem.

pai da horda ou pai originário (*Urvater*) detém então para si *todo o desejo* ao possuir todas as fêmeas e controle dos demais pela força. Freud observa nas neuroses vestígios psicológicos desta era primitiva, traços infantis ligados a este mito arcaico.

Para obter controle da horda e ter o domínio das fêmeas, o macho expulsa os filhos da horda na idade adulta ou os mata, mas não obstante, os machos expulsos se associam e formam um agrupamento à parte; entre os expulsos, através da união homossexual, um vínculo de amor forte o suficiente é gerado a fim de criar um tipo de comunicação, ainda que rudimentar. Através desta linguagem, os irmãos depuseram o desejo comum entre eles: ser como o macho despótico e dispor de todas as fêmeas (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 217), em conclusão, dispor de todo o desejo. O final do mito resume-se ao retorno dos irmãos e assassinato do macho/pai despótico e subsequentemente a devoração da carne do macho, realizando a identificação com o pai primevo e apropriando de sua força, desejo (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 217). Este assassinato é, segundo Enriquez (1983), o ato fundador e original da passagem da vida de natureza à vida em sociedade.

Se o parricídio ocorreu, não pode deixar de ter sido um evento extraordinariamente traumático, sobretudo se foi “repetido inúmeras vezes ao longo dos séculos”; seus *traços seriam inscritos no inconsciente e transmitidos de forma filogenética de geração em geração*, mas, ao mesmo tempo, o retorno do recalco se dá na dimensão social, engendrando as diferentes figuras do direito e da religião - figuras que, embora aparentem se afastar da recordação do crime originário, na verdade se aproximam cada vez mais dele, *até tornar possível sua revelação pela psicanálise*. O “progresso” é assim um “regresso”. (MEZAN, 2005, p. 687 e 688 - destaque meu).

Por fim, o mito se repete diversas vezes até optarem que a melhor forma de convivência é determinar que os machos possam compartilhar as fêmeas distribuindo-as, e, psicanaliticamente, distribuir o desejo onipotente entre si, limitando-o (MONZANI, 2011, p. 244). A delimitação e limitação do desejo onipotente de adquirir todas as fêmeas, para sua distribuição, resultou num sistema de regras das relações sexuais e do desejo: o totemismo e o tabu do incesto. Antes de chegarmos às conclusões desta seção, no totemismo a designação do animal totêmico como ancestral permite entrecruzar a declaração ambivalente do totem, ou seja, a atitude afetiva ambivalente em relação ao animal, pois é um tabu; e também a identificação com este animal em relação ao macho despótico (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 202).

A resolução encontrada por Freud é a de que com isto, o animal totêmico assume o lugar do pai primevo ao designar o totem como ancestral e pai de todos da tribo (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 202). A considerar o animal totêmico como substituto do pai, os

mandamentos totêmicos (não matar o totem e proibir relações sexuais com a mulher do mesmo totem) coincidem ainda com o Édipo da tragédia de Sófocles, o parricídio e o incesto realizado pelo herói trágico, que não obstante são também os desejos infantis mais puros, cujo recalque resulta na neurose. Assim, a horda primeva deixou traços nos quais a neurose é pedra de toque para compreensão deste percurso psicológico e histórico da psique e também de que o Édipo é essencial para a civilização (MONZANI, 2011, p. 245).

Se o animal totêmico é o pai, o teor dos dois principais mandamentos do totemismo - os dois preceitos que constituem seu núcleo, não matar o totem e não ter relações sexuais com uma mulher do totem - coincide com o do dois crimes do Édipo, que matou o pai e tomou a mãe por esposa, e com os dois desejos primordiais da criança, desejos cujo recalque insuficiente ou cujo redespertar forma o núcleo de talvez todas as psiconeuroses. (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 203).

Deste modo, ao considerar o mito darwiniano e as conclusões psicanalíticas Freud conclui que o sistema totêmico resultou do complexo paterno com o pai opressor da hora - é então resultado do Édipo (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 203). Há vestígios desse passado no comportamento da criança e do neurótico que provam que a estrutura social, como diz Monzani (2011, p.245): "é fruto, é resultado de um ataque levado a cabo por indivíduos sexualmente excitados"; a civilização é marcadamente neurótica. Freud considera, por exemplo, que os irmãos do bando tinham em relação ao pai os mesmos sentimentos contraditórios da criança e neurótico: odeiam o pai, pois é obstáculo às reivindicações sexuais (desejo), mas o amam e admiram, pois desejam ser como ele. Com a eliminação do pai primordial os irmãos realizam duas ações: *satisfazem seu ódio* em relação a ele e se *identificam*, com fracasso, visto que não podem assumir o posto do pai como detentor do desejo por motivos práticos e afetivos (são, portanto, castrados deste desejo último) (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 218). O resultado disto é o *desenvolvimento de uma consciência de culpa, arrependimento do parricídio*, essencial para a formação da sociedade e da moral.

Eles revogaram seu ato (parricídio), declarando ser proibido o assassinio do substituto do pai, o totem, e renunciaram à consequência dele, privando-se das mulheres então liberadas. Assim criaram, a partir da *consciência de culpa do filho*, os dois tabus fundamentais do totemismo, que justamente por isso tinham de concordar com os dois desejos recalcados do complexo de Édipo. Quem os infringia tornava-se culpado de dois crimes que inquietavam a sociedade primitiva. (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 219 - parênteses meu)

A respeito do parricídio e canibalismo com o pai da horda, a devoração do pai é repetida simbolicamente na tribo, na refeição totêmica, na qual abre-se uma exceção para comer o animal que simboliza o pai, em ato de celebração - mesmo que a regra do totem seja não infligir nenhum mal ao animal - com a devoração e distribuição da carne, animal que simboliza aquele do qual descendem, instaurando também a relação de alteridade entre todos

se reconhecendo e repartindo igualmente entre si a carne e unidos pelo sangue (ENRIQUEZ, 1983, p. 33). A refeição totêmica é símbolo da ambivalência afetiva com o animal (antes pai despótico) e da consciência de participação *de todos* a uma ação antes proibida (comer o animal totêmico, posterior e símbolo do assassinato do pai); ao final da refeição este animal é lamentado, assim como o pai da horda fora; parte deste luto é obrigatório para livrar-se da responsabilidade do assassinato do totem (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 214).

Mas logo após o luto, há uma ruptura da proibição com uma festa, a liberdade ergue-se frente à proibição. Se o animal totêmico é sucedâneo do pai primevo, explica-se a contradição pelo luto e festividade ancoradas na ambivalência da hostilidade (em que advém a proibição da matá-lo e portanto a lamentação) e identificação (“querer ser o pai, o dono da lei e do desejo”). Na devoração da carne do totem, o canibalismo do pai se repete simbolicamente, e os atributos são distribuídos e todos gozam da força e do desejo do pai, mas limitados entre os outros do clã (ENRIQUEZ, 1983, p. 33). Essa postura afetiva é presente nas crianças sob o complexo paterno e continua durante a vida adulta (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 216).

A refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e celebração desse ato memorável e criminoso, com o qual teve início tanta coisa: as organizações sociais, as restrições morais, a religião. (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 217)

A saber dos dois tabus do totemismo que advém da *consciência de culpa* calcada no parricídio e castração ao desejo absoluto do pai, Freud observa que a moralidade se inicia a partir destas duas principais limitações, mas que uma delas é determinada afetivamente, aquela regra que poupa o animal totêmico; já a segunda regra, a proibição do incesto, também tem fundamentação prática, além de psicológica (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 219) visto que a rivalidade entre os irmãos pelas fêmeas acarretava num estado de guerra que ao longo do tempo mostrou-se dispendioso e árduo; assim, para a psicanálise freudiana, a exogamia e o totemismo instituíram-se *simultaneamente*. Freud conclui: “a sociedade repousa então na culpa pelo parricídio (...) e a moralidade, em parte, nas exigências dessa sociedade e em parte nas penitências requeridas pela consciência de culpa” (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 223). Nesta obra o parricídio é canalizador da cultura ao gerar culpa e renúncias ao demonstrar a passagem entre natureza e cultura (MONZANI, 2022, p. 246)

São feitas várias proibições e regulações das relações sexuais baseadas no totemismo (animal ou planta) e cria-se uma distribuição das relações sexuais que começarão a ser reguladas. Com isso, há o fim da horda e o início da era tribal, ou melhor da própria era social. Com a tribo, os machos e as fêmeas já se reconhecem em um “eu” e um “outro”, sabem se diferenciar dos

demais e este reconhecimento instaura uma quebra, pois já não são mais inteiros e absolutos, visto que um indivíduo é limitado pelo outro (MONZANI, 2011, p. 245).

Por aceitar a divisão do social, é necessário que o pai se perceba como pai, isto é, que a civilização tenha aparecido e que as relações de parentesco sejam estabelecidas e reconhecidas. Isso é a consequência da reunião. Nos tempos primordiais não se conhecem senão relações de força. Em terceiro lugar, a invenção da primeira relação de solidariedade acontece quando, reconhecendo o outro como outro, podem viver como irmãos. Em quarto lugar, eles expressam a solidariedade e reconhecem o liame libidinal que os une no ódio comum contra o pai. (MONZANI, 2011, p. 245)

Assim, a lei é colocada e os indivíduos são mutilados pelo externo, castrados por aquilo absoluto e entendem sua figura na sociedade; não apenas o Édipo, mas o recalque é essencial para início da civilização visto que afasta da consciência tendências sexuais nocivas. Édipo e recalque em conjunto extremizam/separam as esferas da natureza e cultura. A proibição do incesto e do assassinato do totem barram a regressão ao estado da horda primeva do pai de animalidade, outrossim, do indivíduo absoluto e detentor de todo desejo (opressor). A estrutura social é edificada, para Freud, nessas duas leis/proibições. A proibição do incesto é figura exemplar para se pensar o início da sociedade como instituição de restrição e interdição, principalmente daquilo que tange à sexualidade, como ressalta Monzani (2011), sem limitações sexuais não existiria civilização.

Enfim, discriminar o fora (no sentido de realidade, do mundo exterior) implica necessariamente separar aqui, de dentro, o processo que ficou incorporado no seu acesso à cultura; é exatamente o trânsito da natureza à cultura, da individualidade natural à comunidade cultural. Mas essa individualidade existe na lembrança do pai ameaçador, na recordação do pai castrador da horda primitiva. (MONZANI, 2011, p. 248)

A fusão ou condensação das figuras familiares, a indiferenciação no reconhecimento do outro é barrada pela lei contra o incesto incesto, que permite então, por exemplo, que o filho não se veja na figura do pai e estabeleça seus limites pulsionais dentro da família, evitando o império absoluto das fantasias (ENRIQUEZ, 1983, p. 36). A lei da proibição do incesto delimita quem é cada um dentro da organização familiar e social barrando a realização imediata da pulsão; na era tribal inicia-se a cultura, pois cinde o indivíduo entre inconsciência (indiferenciado, local que guarda o arcaico, desejo, e a relação com a natureza/animal) e a consciência (aquela que reconhece o outro e as imposições da lei). Esta parte “aculturada” permanece no psiquismo, como arcabouço de vivências, memória transmitida de geração em geração, como núcleo de memória arcaica, a exemplo das sociedades mais primitivas, como as tribais, que exemplificam com os tabu a dependência com os objetos instintivos (MONZANI, 2011, p. 245).

Assim, até mesmo o indivíduo mais contemporâneo padece e impõe-se para controlar o desejo narcísico de ser o único; a natureza arcaica nunca é eliminada e a lei é ao longo das gerações introjetadas no eu ao criar proibições cada vez mais complexas, como a econômica e política; neste caso, para a psicanálise freudiana, a sexualidade é a primeira a ser canalizada e organizada pelo recalque nestas sociedades primitivas, segundo aponta Enriquez (1983, p. 36). Essa situação leva a uma ambivalência de sentimentos que emerge na clínica sob a forma da neurose, marca singular do conflito entre a lei e esta “natureza arcaica” operante de diferentes maneiras. Em outras palavras, “o indivíduo passa a ser foco de uma existência virtual do passado no presente” (MONZANI, 2011, p. 248), mas também a própria psicanálise liga com a “recriação do passado no presente” (MONZANI, 2011, p. 252). O ser humano é um “animal de ordem doméstica” visto o desejo de concretizar o Édipo (MONZANI, 2011, p. 249) e tanto o ontogenético como o filogenético são *simultâneos* (MONZANI, 2022, p. 253).

No trânsito realmente efetuado, há a origem da história do homem, da horda primitiva, da aliança fraterna: o Édipo individual carece de sentido nas condutas do homem, caso se separe do Édipo primevo. Somente se incluirmos no trânsito da cultura individual a cultura da horda primitiva, a verdade do drama individual se aclara. (MONZANI, 2011, p. 253)

Vê-se no mito de Freud que é somente após o complexo paterno que a consciência e inconsciente se constituem e que na base da individualidade está o Édipo, baseado na tragédia de Sófocles. Este se torna uma das marcas deixadas pelo evento da eliminação do pai pelos irmãos (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 235).

Concluindo esta pesquisa extremamente abreviada, seu resultado seria que no complexo de Édipo reúnem-se os começos da religião, moralidade, sociedade e arte, em plena concordância com a verificação psicanalítica de que esse complexo forma o núcleo de todas as neuroses, e até onde elas foram acessíveis ao nosso entendimento. Surge-me como uma surpresa que também esses problemas da vida psíquica dos povos permitam uma solução a partir de um único ponto concreto, que é a relação com o pai. E talvez um outro problema psicológico esteja ligado a isso. Com frequência tivemos oportunidade de mostrar que a ambivalência afetiva no sentido exato, isto é, a coexistência de amor e ódio ao mesmo objeto, está na raiz de importantes instituições culturais. Não sabemos sobre a origem dessa ambivalência. Podemos supor que é um fenômeno fundamental de nossa vida afetiva. Mas também outra possibilidade parece-me digna de nota: que ela, originalmente estranha à vida afetiva, tenha sido adquirida pela humanidade no complexo paterno, onde a investigação psicanalítica do indivíduo ainda hoje encontra sua mais forte expressão. (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 238)

Destarte, Freud conjectura, ao refletir as relações da história universal com a individual no solo da psique dos selvagens, que os processos psíquicos individuais ocorrem de maneira semelhante a estes históricos - como por exemplo a respeito da ambivalência afetiva e consciência de culpa - existem *processos* afetivos e psíquicos que se *desenvolveram* por

gerações e continuam atuantes. Duas questões colocadas por Freud e que se encaminham aos âmbitos pesquisa: “o quanto pode ser atribuído à continuidade psíquica na sequência das gerações, e de quais meios e caminhos serve-se uma geração para transmitir à geração seguinte os seus estados psíquicos” (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 240). Para Freud, parte dessa questão é resolvida pela herança de disposições psíquicas aqui na pesquisa averiguadas desde o início ao se pensar no recalque originário e nas anterioridades psíquicas aqui tratadas, mas que sobretudo *necessitam encontrar na vida individual motivos para se realizarem* (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 240).

Se os desejos e impulsos têm o pleno valor de fatos para os primitivos, cabe a nós seguir compreensivamente essa atitude, em vez de corrigi-la conforme nossos critérios. Então vamos examinar mais detidamente o quadro da neurose que nos conduziu a essa dúvida (neurose obsessiva) (...) a analogia dos primitivos e neuróticos se estabelece mais profundamente, então, se supomos que também naqueles a realidade psíquica, acerca de cuja configuração não há dúvida, inicialmente coincidiu com a realidade factual, que os primitivos realmente fizeram o que a evidência mostra que pretendiam. (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 243 e 244)

Agregando a isto, sabe-se que os processos inconscientes são *atemporais*, não ordenados temporalmente e inalterados pela passagem do tempo, e tampouco levam em consideração a realidade (FREUD, 2010 [1915], p. 128), ademais, possuem uma mobilidade maior que a consciência de investimento, com maior probabilidade de uma “ideia ceder a outra todo o seu montante de investimento” (FREUD, 2010 [1915], p. 127), ou seja, deslocar-se e “acolher todo investimento de várias outras”, condensar-se (FREUD, 2010 [1915], p. 127). É certo que estas características (indestrutibilidade e imutabilidade) dos processos inconscientes e sua atuação ainda no homem contemporâneo, possibilitam remontar a um entendimento também da evolução cultural (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 116), ao observar nas manifestações neuróticas vestígios de um passado ainda vivente, justamente pelo inconsciente possuir tais características. Em síntese, a questão do problema do recalque originário é esclarecida em parte, quando demais nuances da história do desenvolvimento psíquico é abordada sob o ponto de vista da história do gênero humano, argumentação necessária para compreensão do indivíduo. Não é de se espantar, portanto, a existência de um mecanismo originário de origem fisiológica ou biológica nos sujeitos, afinal, o modelo biológico de caráter Lamarckista esteve sempre presente no sentido da herança dos caracteres adquiridos, a saber destes vestígios do inconsciente (ROUDINESCO, 1998, p. 521).

Para reunir o que foi tratado, da consciência de culpa do parricídio na horda primeva, das duas leis fundamentais do totem e suas restrições e costumes, da barreira contra/horror ao incesto conclui-se que estes são mecanismos repressivos, da ordem do recalque necessários à

civilização por servirem como trincheiras à regressão, ao lugar onipotente do desejo frente à lei (ENRIQUEZ, 1983, p. 46). Do funcionamento afetivo ambivalente ao tabu e totem, do mecanismo projetivo de defesa e onipotência do pensamento, das associações de ideias e demais conclusões acima, é possível afirmar a consequência destes eventos na psique do ser humano não de maneira estática, mas móvel, ao concluir que estas anterioridades do homem primitivo e demais estão preservadas no indivíduo contemporâneo: através da afetividade ambivalente; da criação e conflito às adaptações de ordem moral e das restrições introjetadas (consciência de culpa) sob o espaço jurídico. Que remontam por último à existência de uma memória arcaica que permanece intocada como vestígio, mas que aparecem sob diversas formas nas produções sintomáticas dos neuróticos, associalmente, produzindo restrições e limitações, mas socialmente também, na produção artística e cultural. Assim, o desejo infantil e a ambivalência do objeto de desejo ainda mobilizam o indivíduo contemporâneo, levando-o a um esforço constante de adequação, adaptação e produção de sentido ao meio e também, as suas reivindicações como indivíduo jurídico para a sociedade.

Como explicar a transmissão, de geração em geração, de conteúdos psíquicos inconscientes, que assegurem a continuidade da mesma civilização ao longo e apesar de suas inevitáveis modificações? Pois, agora, podemos vê-lo com mais clareza, o fundamento da analogia entre o indivíduo e a sociedade é a tese de que ambos são feitos do mesmo estofo: o conflito inconsciente que se exprime na configuração dramática do complexo de Édipo. A vida psíquica individual, a vida psíquica coletiva e a dinâmica social são frutos do *mesmo* conflito, que, como dissemos, apresenta uma face psíquica e uma face sócio-político-histórica. Mas, dado que a temporalidade da vida individual e a temporalidade histórica não são superponíveis, é necessário dar conta da perpetuação, em indivíduos que não presenciaram o evento fundador, das mesmas disposições psíquicas adquiridas em consequência dele. (MEZAN, 2005, p. 644).

Mas não obstante, por outro lado prova a existência e desenvolvimento de uma instância superior que barra a regressão ao funcionamento arcaico da psique (consciência e o recalque). Assim, a psique possui traços em seu desenvolvimento libidinal, afetivo e mnêmico que demarcam o conflito entre o meio associal/primitivo e social. Deste modo, confirma-se a hipótese da existência de anterioridades psíquicas através da historicidade reconstruída na clínica e observada na história dos povos primitivos, que conduziu a psicanálise a conjecturar uma história da psique primitiva e seus atravessamentos no funcionamento psíquico do neurótico, e não obstante nas demais produções; mas também, sabe-se que recalque e Édipo (como desejo pulsional imediato) entrelaçam-se para produções e formações culturais, morais e jurídicas com o fim de canalizar a sexualidade, e isto ainda hoje no neurótico (ENRIQUEZ, 1983, p. 46); há, portanto, *complementaridade entre interdição e desejo* no sentido de produzirem *sentido* às ações humanas através da cultura.

Passamos de um mundo de relações de força a um mundo de relações de alianças e de solidariedade (mesmo se estas permanecem frágeis), de um estado de natureza a um Estado de direito, onde a lei é encarnada por aquele que representava em vida o arbítrio total. Esta criação do social é acompanhada (precedida/seguida) pela expressão de sentimentos complexos: amor, veneração, amizade, culpa. O nascimento do grupo é inconcebível sem o surgimento correlativo de sentimentos. (ENRIQUEZ, 1983, p. 34)

Se na primeira tópica o psiquismo pode ser colocado sob a forma do conflito entre tendências sexuais- o inconsciente- e por outro lado as tendências de autopreservação- do eu consciente- a questão será mais elucidada a partir de uma análise da produção sintomática - se os resquícios e vestígios do funcionamento arcaico do inconsciente, as produções e constituições da filogenética - imperam ou não frente ao eu consciente. Com o intuito de relacionar estas anterioridades demarcadas nesta primeira seção do capítulo, seguem-se dois casos individuais como modelo no próximo capítulo, ambos interpretados por Freud nos anos de 1911 e 1914, para se pensar o conflito entre as instâncias sob a perspectiva destes vestígios arcaicos e do recalque originário, agora tencionando não mais a memória arcaica e coletiva da espécie, mas a memória individual, com a qual o psicanalista não pode preceder. Também, será considerado o recalque secundário como aquele que possibilita o retorno a este nível instintivo, o preço a se pagar pelo encobrimento desta atividade primitiva pela razão é a neurose, testemunhando a existência do estágio primário anterior instintivo e cenas individuais contaminadas pela filogênese (FREUD, 2010 [1918] p. 159). Destas considerações, cabe perguntar se há espaço ou liberdade para esta “casca” que posteriormente será chamada de eu consciente.

CAPÍTULO 2

Dois casos como modelo: “O caso schreber” e “O homem dos lobos”

Após análise da obra *Totem e tabu* na seção anterior, tornou-se necessário reunir ao menos dois casos individuais à conclusão deste primeiro capítulo com a finalidade de agregar em que local da história individual ontogenética destes dois casos é explorado os mecanismos que em *Totem e tabu* emergiram da história universal, do psiquismo rudimentar ainda operante no

neurótico, fóbico e paranoico. A justificativa da escolha pelo ensaio clínico do homem dos lobos e Schreber é que em ambos vê-se a explicação filogenética de maneira aguçada, assim como a recorrência do recalque originário à interpretação psicanalítica; também, a escolha de um ensaio anterior (Schreber) e um posterior (homem dos lobos) à *Totem e tabu* permite analisar como a interpretação e consideração da filogênese se tornou mais presente em suas obras. Ainda sobre o aspecto filogenético, considera-se que os mecanismos obsessivos, fóbicos e paranoicos das obras compartilham similaridades com o funcionamento primitivo do selvagem descrito na obra *Totem e tabu*, no qual se faz necessário retornar aos casos individuais para encontrar com mais segurança estes vestígios do desenvolvimento rudimentar do aparelho psíquico tratado na seção anterior.

A começar cronologicamente pela obra publicada em 1911 com o título de *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”)* é preciso delimitar aspectos que trataremos na obra em similaridade com o que fora discutido acima e que é afirmado categoricamente por Freud no início do *Caso Schreber*:

Já o psicanalista, partindo de seu conhecimento das psiconeuroses, supõe que mesmo formações mentais tão extraordinária, tão afastadas do pensamento humano habitual, tiveram origens nos mais universais e compreensíveis impulsos da vida psíquica, e gostaria de conhecer tantos os motivos como as vias dessa transformação. (FREUD, 2010 [1911], p. 24)

O primeiro aspecto a ser tratado é quando Freud esboça de maneira mais geral a doença de Schreber: “No conjunto, porém, a doença é vista como uma luta do homem Schreber contra Deus, na qual o ser humano e fraco triunfa, porque a Ordem do Mundo está do seu lado” (FREUD, 2010 [1911], p. 38). Se a doença tem a característica mais geral de resultar em quadros delirantes e persecutórios devido ao conflito de Schreber com sua ideia ou representação de Deus, é preciso ressaltar que a relação de Schreber com a representação divina é entremeada de ambiguidades; Schreber ressalta que Deus merece adoração ao ser o todo-poderoso do céu e da Terra, mas é pueril e ridículo (FREUD, 2010 [1911], p. 38). O conflito de Schreber com seu principal objeto (Deus) é ambivalente, ao misturar traços de adoração e revolta, amor e ódio, característica principal da atitude emocional ambivalente mencionada no capítulo primeiro (FREUD, 2010 [1911], p. 39).

A demanda principal, a de se reconciliar com seu objeto novamente, Deus, é garantida para Schreber na relação entre a volúpia e a beatitude das almas defuntas (FREUD, 2010 [1911], p. 41) em que a hostilidade do objeto perante Schreber perde o poder quando este absorve os raios do objeto (Deus) pelo corpo através da volúpia; ademais, a relação estreita entre volúpia

e beatitude das almas defuntas advém do mecanismo de condensação (inconsciente), por meio da associação de ideias pelo significado da palavra alemã “falecido” e “sensualmente feliz” que correspondem à palavra *selig*, que não obstante remete a ambiguidades entre aquilo “feliz”, “beato” e por outro lado, “falecido”, palavra condensada que expõe também a ambivalência e contradição em relação ao objeto (Deus) e similarmente no tocante à sexualidade, quando questões da vida sexual de Schreber tornam-se parte principal com seu objeto em relação à volúpia e gozo sexual. Além da ambivalência mencionada, do conflito sexual entre desejo e contra-desejo, há na produção sintomática de Schreber o mecanismo inconsciente da condensação e respectivamente associação de ideias, mencionada na seção acima como mecanismo inconsciente da psique primitiva.

Com as amostras aqui apresentadas do delírio de Schreber, cabe afastar sem problemas o termo de que justamente essa paranoia seria o “caso negativo”, há muito procurado, em que a sexualidade tem papel irrelevante. O próprio Schreber se exprime repetidas vezes como se fosse um partidário de nosso preconceito. Sempre menciona “nervosismo” e viciosidade erótica de uma só vez, como se as duas coisas fossem inseparáveis. (FREUD, 2010 [1911], p. 42)

Assim, confirma-se ainda em Schreber a questão pulsional do desejo já mencionada que busca realizar-se em ato prazeroso, mas que no entanto sua realização é condenável socialmente; Schreber afirma que seu rigor ao seguir princípios morais em relação à vida sexual, entendendo estes princípios como restrições, contenções em sua sexualidade desencadeou um conflito expresso sintomaticamente pela sua doença que se reverteu em seu contrário: não seriam mais restrições, mas consentida e liberada volúpia, busca do gozo sexual ao sentir-se e fantasiar-se como mulher de Deus (FREUD, 2010 [1911], p. 43). Em Schreber, há, portanto, resquícios da relação entre vida sexual e processo civilizatório como aquele que coíbe tais impulsos sexuais e a marca do primitivo no homem contemporâneo é o retorno ou regressão a estágios do desenvolvimento sexual primeiros, em que a relação sexual é neste caso narcísica e autoerótica; prova disso é o resultado somático e psíquico da regressão narcísica: parte da libido homossexual é fixada no corpo, objeto de volúpia e prazer sexual de maneira feminina, passiva, assim como a libido regressa ao eu desencadeia uma mania de grandeza em Schreber.

A volúpia espiritual que se desenvolveu em seu corpo graças a esse acúmulo de nervos é tão forte, que basta um mínimo esforço da imaginação, quando ele está na cama, para obter um bem-estar dos sentidos que constitui um bem nítido prenúncio do gozo sexual da mulher no coito. (FREUD, 2010 [1911], p. 45)

Considerando ainda a libido homossexual, esta só poderia advir de desejos e fantasias homossexuais inconscientes, que quando investida resultou numa forte resistência por parte do eu consciente; o resultado da defesa foi o conflito entre Deus de maneira persecutória,

delírio de perseguição. A compensação se deu, como diz Freud, em uma megalomania já que no eu a resistência ante aos desejos pôde se satisfazer em parte: “O eu foi compensado pela megalomania, enquanto a fantasia de desejo feminina se impôs, tornou-se aceitável” (FREUD, 2010 [1911], p. 64). Ao objeto de desejo “Deus”, Schreber se transformando em mulher poderia finalmente se satisfazer, ao que Freud interpreta a representação de Deus em Schreber com o pai, causada notadamente por um complexo paterno; Schreber nutria então com o pai uma atitude infantil genérica em garotos, sob a atitude de veneração, submissão e também escárnio que compartilha também com seu Deus, sendo este objeto de substituição (dentre outros) do pai (FREUD, 2010 [1911], p. 69). Assim, conclui Freud que:

Portanto, também no caso Schreber nos achamos no familiar terreno do complexo paterno (...) Nessas vivências infantis, o pai surge como destruidor da satisfação buscada, geralmente autoerótica, que depois é frequentemente substituída, na fantasia, por outra menos inglória. Na fase final do delírio de Schreber, o impulso sexual infantil tem um grande triunfo; a volúpia torna-se temente a Deus, o próprio Deus (o pai) não cansa de exigí-la do doente. A mais temida ameaça do pai, a castração, realmente proporcionou o material para a fantasia-desejo de transformação em mulher, primeiro combatida e depois aceita. (FREUD, 2010 [1911], p. 74 e 75)

O complexo paterno tratado no capítulo anterior como resultado do totemismo e das religiões merece espaço nesta seção também; sabe-se como as religiões e o totemismo adquiriram características do antigo complexo paterno com o pai da horda, o primeiro com a ideia de Deus, e o segundo com as inferências quanto a ancestralidade com o animal totêmico; Schreber assumiu em seu quadro patológico como substituto do pai a imagem de Deus, assim como os sistemas religiosos e totêmicos. É preciso destacar, portanto, o quadro de Schreber novamente com a história do desenvolvimento humano sob a perspectiva filogenética. A regressão libidinal ao complexo paterno quando adulto, devido as fixações, determinou complicações sintomáticas que demonstram não apenas os estágios do desenvolvimento infantil, mas também do desenvolvimento psíquico no geral, no sentido do que fora tratado em *Totem e tabu*.

Freud especifica mais adiante no mesmo texto que a predisposição à paranoia encontra-se entre o estágio do narcisismo, autoerotismo e homossexualidade (FREUD, 2010 [1911], p. 83), caminhos em que a libido se fixa na infância e forma ante uma realidade frustrante uma predisposição à pulsão retornar. Também o mecanismo projetivo, que vimos ser mecanismo essencial no desenvolvimento psíquico na seção anterior, no caso do paranoico auxilia o mecanismo de formação do sintoma pela substituição de um pensamento ou representação interno ser entendido como externo, por projeção, ao resultar numa mudança de afeto (por

exemplo, o amor sentido é percebido como ódio vindo de fora); outro aspecto também já comentado, o da megalomania e delírio de grandeza é marca do narcisismo primário que não foi negado, traço infantil no qual o eu é fortemente investido (FREUD, 2010 [1911], p. 87).

Assim, a paranoia é delimitada pela sua predisposição e consideração no tocante ao desenvolvimento libidinal, o que inclui, portanto, uma compreensão atenta do mecanismo do recalque e como ele opera no psiquismo (FREUD, 2010 [1911], p. 87). A saber que a publicação do caso Schreber data de quatro anos antes dos textos metapsicológicos de 1915, o ensaio de 1911 tratado aqui não exclui a consideração metapsicológica que só será feita em 1915 com a publicação dos textos de metapsicologia. Será visto já nesta obra de 1911 a consideração metapsicológica do recalque.

Deste modo, Freud já trata em 1911 acerca da existência de uma primeira fase do recalque, fixação, que é condição para todo recalque; a fixação se daria aqui quando parte da pulsão, ou libido é fixada em um dos estágios infantis do desenvolvimento sexual, ou seja, permanece em uma das fases erógenas da infância e o retorno do recalcado é propriamente uma regressão ao desenvolvimento libidinal fixado ou inscrito (GARCIA-ROZA, 2009, p. 166). Esta fixação e inibição do desenvolvimento, portanto, age como se as representações ligadas a esta corrente libidinal permanecesse no sistema inconsciente, recalçada. Será nesta fixação inconsciente e recalçada que a predisposição de uma doença se constitui, assim como a formação dos sintomas (recalque secundário e retorno do recalcado). O recalçamento originário ou primordial é, assim como no ensaio *O recalçamento*, condição para todo o recalque (secundário e retorno do recalcado) (GARCIA-ROZA, 2009, p. 155)

A primeira fase consiste na fixação, que precede e é condição para todo “recalque”. O fato da fixação pode ser enunciado da seguinte forma: uma pulsão, ou parte da pulsão, não acompanha o desenvolvimento previsto como normal, e graças a essa inibição no desenvolvimento, permanece num estágio infantil. A corrente libidinal em questão se comporta, diante das formações psíquicas posteriores, como se fizesse parte do sistema inconsciente, como recalçada. Já dissemos que em tais fixações das pulsões se acha predisposição para a futura doença, e, podemos acrescentar, sobretudo a determinação para o desfecho da terceira fase do recalque. (FREUD, 2010 [1911], p. 89)

A diferença deste ensaio de 1911 e do de 1915 é que neste primeiro Freud conceitua o recalque propriamente dito, o recalque secundário como advindo dos sistemas mais desenvolvidos do eu, consideração diferente no ensaio metapsicológico em que o recalque secundário está intrinsecamente ligado à atração ou vínculo com os derivados psíquicos inconscientes advindos da fixação (FREUD, 2010 [1911], p. 90). Outra consideração, é que em 1911 há a consideração da fixação como passividade em contraposição ao recalque

secundário (*Nachdrängen*), dotado de atividade. No ensaio de 1915 a fixação é plena de atividade e continua influenciando através dos derivados, a fim de alcançar a parte motora do aparelho (Pcs./Cs.). Assim, é de se notar diferenças sutis entre o tratamento do recalque em 1911 e em 1915. Aquilo recalcado, portanto, como defesa do eu são os derivados psíquicos das pulsões e as tendências psíquicas desagradáveis (FREUD, 2010 [1911], p. 90).

A segunda fase do recalque é o recalque propriamente dito, que até agora agora focalizamos preferencialmente. Ela vem dos sistemas mais desenvolvidos do Eu, capazes de consciência, e pode ser descrita, na verdade, como uma “pós-pressão”. Dá a impressão de algo essencialmente ativo, enquanto a fixação apresenta-se, de fato, como um passivo ficar para trás. Experimentam recalque os derivados psíquicos das pulsões que primariamente ficaram para trás, quando seu fortalecimento acarreta o conflito entre eles e o Eu (ou as pulsões sintonizadas com o Eu), ou as tendências psíquicas contra as quais se segue, por outros motivos, uma forte aversão. (FREUD, 2010 [1911], p. 90)

A última fase do recalque (o retorno do recalcado) é o fracasso do recalque no ponto de fixação, em que a libido regride até este ponto e produz os sintomas (FREUD, 2010 [1911], p. 90). Há no indivíduo uma multiplicidade de fixações, assim como de estágios do desenvolvimento sexual. No caso de Schreber o investimento libidinal e objetual se retirou do mundo externo e dotou seu eu de libido; ao mesmo tempo, o mundo parecia como indiferente. O delírio de “fim do mundo”, “apocalipse” adviria segundo Freud como projeção da dissociação interna (FREUD, 2010 [1911], p. 94). A conclusão de Freud é a de que o “processo de recalque consiste num desprender-se da libido em relação as pessoas - e coisas - antes amadas” (FREUD, 2010 [1911], p. 94). Esta formulação é paradoxalmente próxima daquilo considerado como o narcisismo secundário, quando a libido “desinveste” nos objetos e retorna a investir o eu. Foi mencionado na seção anterior o mecanismo primitivo da projeção como mecanismo privilegiado dos primitivos, justamente na troca das percepções internas como externas, mecanismo então recorrido por Schreber na formação do delírio.

Lembramos que a maioria dos casos de paranoia exhibe algum delírio de grandeza, e que o delírio de grandeza por si só pode constituir uma paranoia. Disso inferimos que na paranoia a libido liberada se volta para o Eu, é utilizada para o engrandecimento do Eu. Com isso atinge-se novamente o estágio do narcisismo, conhecido no desenvolvimento da libido, no qual o próprio Eu era o único objeto sexual. Por causa desse testemunho clínico supomos que os paranoicos trazem uma *fixação no narcisismo*, e dizemos que o *recuo da homossexualidade sublimada ao narcisismo* indica o montante da *regressão* característica da paranoia. (FREUD, 2010 [1911], p. 96)

Mediante o delírio o paranóico reconstrói, ou seja, tenta curar a dissociação do seu mundo subjetivo e objetivo (externo) principalmente pela mudança negativa de afeto antes a objetos amados, por projeção (a resumir, aquilo antes recalcado na pessoa é externalizado) (FREUD, 2010 [1911], p. 95). Assim o desprendimento libidinal é característica principal do recalque

neste ensaio de 1911, e o diferencial concernente à paranoia é quando parte dessa libido se desprende do objeto e retorna ao eu (percebe o mundo pelas impressões internas). O que caracteriza o delírio de grandeza acompanhado (Schreber como salvador do mundo) é o retorno ao estágio narcísico do desenvolvimento; a predisposição à paranoia é uma fixação no narcisismo, tratada também anteriormente como estágio/modelo do processo cultural, ao se pensar na onipotência dos pensamentos e megalomania dos primitivos; aqui vemos sua continuidade e existência na história individual.

E acho que logo será o momento de ampliar uma tese que nós, psicanalistas, enunciamos há muito tempo, de juntar ao seu conteúdo individual, ontogeneticamente compreendido, a complementação antropológica, a ser apreendida filogeneticamente. Dissemos que no sonho e na neurose encontramos de novo a criança, com as peculiaridades de seu modo de pensar e de sua vida afetiva. E acrescentaremos: também o homem *selvagem*, o *primitivo*, tal como ele nos aparece à luz da arqueologia e etnologia. (FREUD, 2010 [1911], p. 107)

No “Pós-Escrito” ao *Caso Schreber* Freud assume a posição de agregar ou entrelaçar o pensamento primitivo ao caso particular de Schreber ao observar a concordância do quadro paranoico com produções mitológicas, ao pensamento totêmico e animista, justificando a consideração do conteúdo individual à complementação antropológica, filogenética (FREUD, 2010 [1911], p. 107). Portanto, é legítimo considerar os processos e produções individuais da psique sob um espectro maior, o da filogênese não como seu contrário ou negação, mas como complementação à explicação ontogenética visto que os processos primitivos acima destacados em Schreber²⁷ demarcam a continuidade entre a psique primitiva e contemporânea, visto a existência de uma parte indiferenciada e atemporal herdada, o inconsciente.

O próximo caso modelo é o ensaio redigido nos anos de 1914/1915 com o título: *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)*. O enfoque dado a este ensaio, que possui grande extensão e complexidade, estará no sonho e cena primária que despertaram na criança do ensaio (O homem dos lobos) grande fobia, resultando em uma neurose de angústia e obsessiva (GARCIA-ROZA, 2009, p. 156). Segue o sonho relatado:

Sonhei que era noite e que estava deitado em minha cama. De repente, a janela se abriu sozinha e eu vi, com grande pavor, que alguns lobos brancos estavam sentados na grande nogueira que havia diante da janela. Eram seis ou sete. Os lobos eram inteiramente brancos e pareciam antes raposas ou cães pastores, pois tinham caudas grandes como as raposas e suas orelhas estavam em pé como as dos cães, quando

²⁷ Acerca das relações entre o quadro de Schreber e o psiquismo primitivo, a saber: a ambivalência afetiva, associação de ideias, o pai como substituto, o mecanismo da projeção e onipotência dos pensamentos e mania de grandeza. Estas são apenas algumas relações expostas a fim de relacionar o quadro à obra de 1912-1913, mas que não se esgotam.

prestam atenção a algo. Com muito medo - de ser devorado pelos lobos, certamente -, gritei e acordei. Minha babá correu até minha cama, para ver o que tinha acontecido. Demorou algum tempo até eu me convencer de que tinha sido apenas um sonho, tão nítida e tão natural me pareceu a imagem da janela se abrindo e os lobos sentados na árvore. Finalmente me tranquilizei, me senti como tendo escapado de um perigo, e tornei a dormir. (FREUD, 2010 [1914], p. 41)

A consideração do paciente (O homem dos lobos) acerca do sonho foi a seguinte:

A única ação do sonho era a abertura da janela, pois os lobos estavam sentados bem quietos nos galhos da árvore, sem nenhum movimento, à direita e à esquerda do tronco, e olhavam para mim. Era como se dirigissem para mim toda a sua atenção. Acho que este foi meu primeiro sonho angustiante. Na época eu tinha três, quatro, no máximo cinco anos de idade. Deste então, e até os onze ou doze anos, sempre tive medo de ver algo terrível nos sonhos. (FREUD, 2010 [1914], p. 42)

Sob análise, o paciente ofereceu à Freud diversas linhas associativas de interpretação do sonho; dentre elas, Freud alerta que o adoecimento posterior do garoto deve-se principalmente, dentre outros fatores, a um forte medo do pai que o garoto nutria, face também a um sentimento de ambivalência; o substituto do pai fora o lobo, representação que transcorreu na vida do garoto sob figuras grotescas, contos folclóricos em que a libido pôde se ligar como substituto de outra representação de desejo (FREUD, 2010 [1914], p. 46). Deste modo, Freud elabora em conjunto com o paciente a constatação de que o desejo motivador do sonho era antes uma realização satisfatória sexual que o garoto desejava obter do pai (deformado na figura do lobo), mas que em conflito com a consciência, o horror a este desejo levou ao recalque deste impulso e transformação do afeto em angústia, substituído ali pelo medo do lobo (pai) em consoante com a ameaça de castração, tão representada em vários períodos da sua infância.

De antemão observo apenas que essa explicação condiz bastante com o caráter principal exibido pela neurose do sonhador em épocas posteriores de sua vida. O medo do pai fora o mais forte motivo de seu adoecimento, e a postura ambivalente para com todo substituto do pai dominou sua vida e sua conduta durante o tratamento. (FREUD, 2010 [1914], p. 45)

A vividez do sonho, ou melhor, a sensação de realidade deste (FREUD, 2010 [1914], p. 47) garantiu para Freud que parte do material onírico do sonho, latente, decorreu de um acontecimento factual, não apenas fantasia, “o sonho parecia apontar para um acontecimento cuja realidade é acentuada em oposição à irrealidade dos contos” (FREUD, 2010 [1914], p. 47). Este acontecimento, ou cena, portanto, deveria pertencer a um período anterior aos três

anos de idade segundo o relato. Grosso modo, a linha “temporal” descrita por Freud se inicia com a pressuposição da ocorrência de uma cena desconhecida, acontecimento antigo que se liga às características vívidas do sonho e que não pode preceder sem ressaltar os problemas sexuais da criança, ao medo da castração e por fim a figura do pai, do qual derivou a neurose (FREUD, 2010 [1914], p. 48).

A este acontecimento pressuposto para a ocorrência do sonho (GARCIA-ROZA, 2009, p. 157) Freud o chamou de “cena primária” (*Urszene*), material reconstruído em análise, ativado na noite do sonho. A cena primária reconstruída em conjunto com o paciente resultou na imagem do coito entre os pais observado quando o paciente era garoto, quando tinha cerca de um ano de idade no qual o pai estaria por trás da mãe na cópula²⁸, em que pôde avistar os genitais dos pais (GARCIA-ROZA, 2009, p. 157). A significação desta cena observada pelo garoto teve sua *significação, compreensão consciente* apenas na época do sonho, aos quatro anos, quando seu desenvolvimento sexual e consciente permitiu (FREUD, 2010 [1914], p. 53); assim, quando a criança observou a cena, não pôde compreendê-la e apenas recolheu as impressões sensoriais desta. O recalque originário para Freud se daria nesta inscrição da cena em um inconsciente ainda não recalado (GARCIA-ROZA, 2009, p. 158).

Além da consideração acerca da inscrição e do recalamento originário, as cenas originárias ou fantasias originárias remetem aos tempos originários com o qual a criança preenche uma experiência com a qual não consegue lidar, como o exemplo da observação do coito dos pais (LAPLANCHE; PONTALIS, [1988] p. 46); cenas que remetem ou recapitulam à pré-história reconstruída em *Totem e tabu*. (LAPLANCHE; PONTALIS, [1988] p. 55). A interpretação da cena primária motivadora do sonho ocorreu pela deformação onírica da mesma, com a imagem do lobo remetendo à lembrança do pai na cena primária reconstruída (FREUD, 2010 [1914], p. 55), ponto de partida dos sintomas angustiantes.

O desfecho do sonho foi a angústia, da qual ele se tranquilizou apenas ao ter a Nânia (babá) a seu lado. Portanto, ele se refugiou do pai junto a ela. A angústia era uma recusa do desejo de satisfação sexual com o pai, aspiração que lhe havia inspirado o sonho, sua expressão, ser comido pelo lobo, era apenas uma transformação - regressiva, como veremos - do desejo de ser possuído sexualmente pelo pai, isto é, ser satisfeito do mesmo modo que a mãe. Sua última meta sexual, a atitude passiva para com o pai, havia sucumbido ao recalque, e a angústia ante o pai havia tomado seu lugar na forma da fobia de lobos. (FREUD, 2010 [1914], p. 63 e 64)

²⁸ Cabe destacar a consideração filogenética já observada por Freud acerca da copulação reconstruída: “A copulação por trás - *more ferarum* [à maneira dos animais] - pode mesmo ser vista como a forma filogeneticamente mais antiga”. (FREUD, 2010 [1914], p. 58)

Deste modo, a relação entre sonho e cena primária se deu na deformação do sonho em angústia devido ao recalque da realização dos desejos sexuais da criança ao pai, na realização da cena primária que ansiava do pai (FREUD, 2010 [1914], p. 58). O garoto desejava, portanto, assim como na cena primária, estar passivamente no lugar da mãe e satisfazer-se com seu objeto de desejo (pai) (GARCIA-ROZA, 2009, p. 158). Em vez deste material latente que despoja o desejo, o material que emergiu fora o sonho angustiante do lobo ao transformar o desejo sexual pelo medo de ser comido pelo animal como substituição dos pais vistos na cena primária (FREUD, 2010 [1914], p. 64).

Com um ano e meio a criança recebe uma impressão a que não pode reagir o bastante, só a compreende, só é comovida por ela na sua revivescência aos quatro anos, e somente na análise, duas décadas depois, pode apreender, com sua atividade mental consciente, o que ocorreu então dentro de si. O analisando ignora justificadamente três fases temporais e coloca seu Eu atual na situação há muito acontecida. (FREUD, 2010 [1914], nota de rodapé 18 p. 63)

Agregando a isto, cabe ressaltar a condição da satisfação sexual com o pai, a ameaça de castração e a tentativa de recalque das tendências sexuais como as duas condições da angústia no garoto (GARCIA-ROZA, 2009, p. 156). Portanto, ao lado do Eu consciente da criança, o recalque encontrou forças na defesa da libido genital narcísica ante a atitude passiva que o desejo demandava em relação ao pai, que ao mesmo tempo o ameaçava com a castração (FREUD, 2010 [1914], p. 64). Deste modo, confirma-se o efeito patogênico da cena primária ao ser compreendida ante o desenvolvimento sexual do paciente que encontrava-se em tendências opostas ao Eu consciente, organizado sob uma organização ainda pré-genital. A ativação da cena no sonho resultou, segundo Freud, a uma tentativa do Eu consciente de retornar à organização genital e empenho nas pesquisas sexuais, na significação biológica e anatômica dos sexos femininos e masculinos, devido ao recalque procurar transformar a meta passiva feminina de ser possuído pelo pai à angústia pelo lobo (FREUD, 2010 [1914], p. 65).

Agora a ativação da cena primária no sonho o levava de volta à organização genital. Ele descobriu a vagina e a significação biológica de masculino e feminino. Compreendeu que ativo era igual ao masculino, e passivo a feminino (...) Essa meta feminina sucumbia agora ao recalque e era obrigada a ser substituída pela angústia diante do lobo. (FREUD, 2010 [1914], p. 65)

Se até então Freud considerou a vivacidade dos elementos dos sonhos como condição para existência de uma motivação por alguma cena ou acontecimento real, ao discutir a factualidade da cena primária (*Urszene*), Freud dispõe como aparato teórico a possibilidade da fantasia como capital das formações sintomáticas; deste modo, a cena primária poderia ser um composto fantasioso que por estímulo da época madura do indivíduo, representa desejos.

Mencionei que vários elementos factuais podem ser invocados em prol da concepção destas cenas como fantasias regressivas. Sobretudo um: o de que tais cenas infantis não são, no tratamento - até onde vai minha experiência -, reproduzidas como lembranças, são resultado da construção. (FREUD, 2010 [1914], p. 70)

Freud não precisaria, portanto, recorrer à necessidade de encontrar na factualidade da criança o recolhimento das impressões de tais cenas, mas ao mesmo tempo não pode negar que elementos factuais são invocados na concepção da cena como fantasias regressivas (FREUD, 2010 [1914], p. 70): as cenas são *reconstruídas*, isto significa dizer que não são somente lembranças factuais, nem somente produto da fantasia, mas construídas a partir das lembranças e das fantasias; assim como a produção do sonho que empresta valores factuais, impressões infantis e motivações inconscientes, as *Urszenen* se constituem (FREUD, 2010 [1914], p. 71).

Há sem dúvidas, portanto, uma ação conjunta das demandas progressivas e regressivas, ou seja, das impressões infantis que partem da determinação ontogenética da formação do sintoma, pois são nestas influências infantis que determinam *decisivamente* a situação inicial da neurose e em que ponto o indivíduo fracassa ao lidar com a realidade (FREUD, 2010 [1914], p. 74); regressivamente, pois a frustração ante a realidade recapitula pelas fantasias a possibilidade de satisfação. A conclusão de Freud ante a questão do fator infantil (progressivo e ontogenético) que resulta nas formações neuróticas é a de que a neurose adulta do *Homem dos lobos* foi precedida por uma neurose na primeira infância que produziu por si só pelas vivências infantis uma neurose sem necessitar da fuga ante alguma tarefa da realidade (FREUD, 2010 [1914], p. 75).

Uma doença neurótica no quarto ou quinto ano da infância vem demonstrar, acima de tudo, que as vivências infantis são capazes por si só de produzir uma neurose, sem necessitar, para isso, da fuga ante uma tarefa imposta pela vida. (FREUD, 2010 [1914], p. 75)

O homem dos lobos é, portanto, caso exemplar para a significação e motivação das neuroses a partir das impressões infantis encontradas no processo ontogenético e progressivo do Eu consciente visto seu mecanismo de defesa frente às tendências sexuais - o contrário ao regressivo e filogenético. Ao tratar de uma neurose infantil cujo intervalo entre a irrupção da neurose e vivências infantis é mínimo, isto “faz encolher ao máximo a parte regressiva da causação, e traz inteiramente à luz a parcela progressiva da mesma, a influência das primeira impressões” (FREUD, 2010 [1914], p. 76). A respeito dessas últimas conclusões em que há no fator infantil e ontogenético maior peso na formação da neurose, no mesmo ensaio Freud

modifica bastante a concepção da formulação da cena primária, não agora advinda do recolhimento de impressões, mas produto da fantasia, cuja observação do garoto fora talvez do coito de animais, cães, em que imagem mnemônica destes animais fora *transferida* para a figura dos pais, fantasia carregada de afeto (FREUD, 2010 [1914], p. 79).

A transferência dos cães em cópula para os pais não se realizou por meio de um procedimento dedutivo ligado a palavras, mas buscando na recordação uma cena real em que os pais apareciam juntos, e que pôde se fundir com a situação do coito. (FREUD, 2010 [1914], p. 80)

Deste modo, não é necessário supor que a criança havia assistido aos pais, ou sequer que a impressão da cena ocorreu antes dos quatro anos de idade. Agora, “diz respeito apenas a alguns meses do quarto ano de vida, e não remonta absolutamente aos primeiros anos obscuros da infância” (FREUD, 2010 [1914], p. 80); Há, portanto, uma obscuridade ao se tratar do valor de realidade da cena primária. Apenas a partir da compreensão dos ensaios das *Conferências* em que Freud trata acerca do conteúdo das cenas primárias - sedução na infância, ameaça de castração e observação do coito entre os pais - como parte indubitavelmente do conteúdo filogenético herdado ao se constituírem como fantasias originárias (*Urphantasie*) na falta do complemento individual (FREUD, 2010 [1914], p. 130). Mas mesmo assim, Freud não descarta a aquisição destes conteúdos a partir da vivência ontogenética e o preenchimento com a verdade pré-histórica dos primitivos só pode ser intuído ao esgotar as possibilidades da ontogênese (FREUD, 2010 [1914], p. 130).

As cenas de observação do ato sexual entre os pais, de sedução na infância e de ameaça de castração são indubitavelmente patrimônio herdado, herança filogenética, mas podem também ser aquisição da vivência individual (FREUD, 2010 [1914], p. 130).

Sobre a transferência dos cães para a figura dos pais, Freud alude esta transferência à obra *Totem e tabu*, cuja correspondência dos animais aos pais e conseqüentemente do medo do lobo em vez do pai (FREUD, 2010 [1914], p. 80) resulta da fase de desenvolvimento que o garoto se encontra, chamada de “o retorno do totemismo”. Não obstante, esta fase é similar ao título do último capítulo de *Totem e tabu*: “*O retorno do totemismo na infância*”. Assim, apesar do fator infantil progressivo ser o principal motivador da neurose infantil, a criança ainda encontra-se na fase de desenvolvimento cuja significação filogenética, primitiva totêmica é imprescindível para esclarecer a fobia do sonho do garoto (FREUD, 2010 [1914], p. 81).

A cena de observar o comércio sexual entre os pais na infância remota- seja lembrança real ou fantasia - não é verdadeiramente uma raridade nas análises de humanos neuróticos. Talvez ela se ache com igual frequência nos que não se tornaram neuróticos. Talvez ela pertença ao acervo regular de seu tesouro - *consciente ou inconsciente* - de lembranças (FREUD, 2010 [1914], p. 81 - destaque meu)

Freud utiliza novamente o recurso comentado na última seção de *Totem e tabu*, acerca da existência de um acervo de caráter sexual e universal presente tanto no saudável quanto no neurótico, quando parte deste acervo mnêmico é acessado a fim de preencher vivências individuais. O caráter filogenético ou ontogenético deste acervo não é claro na citação acima, mas ao seguir a anterior constatação do garoto encontrar-se na fase totêmica de desenvolvimento, ao equivaler a vivência individual dos animais à da pré-histórica, totêmica, sabe-se que este acervo pertence às predisposições de ordem inconsciente e filogenéticas. Torna-se paradoxal, de certa maneira, separar os processos progressivos ou regressivos da formação sintomática se ambos são motivos da neurose, tanto o acervo filogenético e inconsciente, quanto o fator infantil consciente, parte das defesas do Eu consciente.

Após o encontro com o sonho angustiante dos lobos adornado pela cena ou fantasia primária, o garoto desenvolveu dos quatro aos dez anos de idade uma neurose obsessiva que transformou os sintomas de angústia em sintomas obsessivos religiosos (FREUD, 2010 [1914], p. 83). Da relação passiva ante o pai como objeto sexual que manteve-se na fase da angústia, se dispunha agora sadicamente em relação à identificação com o pai, fixado no desenvolvimento anal, ainda pré-genital, predisposto à neurose obsessiva (FREUD, 2010 [1914], p. 86). O desenvolvimento de rituais religiosos ligados à neurose obsessiva ou sintomas obsessivos, era para Freud uma tentativa de recalcar a homossexualidade passiva (amor pelo pai) formulada na forte regressão ao estágio primitivo de angústia pelo lobo; mais adiante Freud descreve a atividade sádico-anal do garoto às organizações pré-genitais humanas como parte dos resíduos de estruturas encontradas em classes de animais (FREUD, 2010 [1914], p. 143).

Os dois impulsos afetivos opostos, que deveriam reger toda a sua vida posterior, encontravam-se aqui na luta ambivalente em torno da religião. O que dessa luta resultou como sintoma, as ideias blasfemas, a compulsão de associar Deus - excremento, Deus - porco, era portanto um verdadeiro compromisso, como veremos nas análises dessas ideias em sua relação com o erotismo anal. Alguns outros sintomas obsessivos de gênero menos típico levam com igual certeza ao pai. (FREUD, 2010 [1914], p. 90)

A ambivalência afetiva e o conflito com o pai agora subjazia religiosamente, assim como ocorreu com o paranoico Schreber (FREUD, 2010 [1914], p. 113). O esquema filogenético da fase religiosa em questão ocorre quando na falta de vivências individuais a filogênese

preenche tal lacuna; no caso em questão o esquema filogenético cumpriu seu papel no tocante as fantasias de castração, em que na pré-história executada à cabo pelo pai e agora repetida, individualizada dentro do drama familiar (FREUD, 2010 [1914], p. 117). A figura do pai fora revestida, portanto, de traços arcaicos que participam do mesmo acervo filogenético inconsciente de *Totem e tabu* (FREUD, 2010 [1914], p. 117); o pai tornou-se o grande “castrador”, mesmo quando as ameaças à castração ocorreram, segundo análise do paciente, sob a figura de mulheres. Assim, o garoto nutria com este pai fantasiado forte sentimento ambivalente - sentimento de culpa e intensa hostilidade. Deste modo, independente das impressões individuais ontogênicas, o garoto teve que cumprir o esquema arcaico filogenético encontrado em *Totem e tabu*.

Nesse ponto o menino tem um esquema filogenético a cumprir, e chega realizá-lo, ainda que suas vivências pessoais não harmonizem com ele. As ameaças ou alusões à castração que ele experimentou haviam partido de mulheres, mas isso talvez não adiasse por muito tempo o resultado final. Foi mesmo do pai que ele temeu por fim a castração. Aqui a hereditariedade prevaleceu sobre as vivências acidentais; na pré-história da humanidade foi certamente o pai que praticou a castração como punição, e depois a mitigou, reduzindo-a à circuncisão. Quanto mais longe ele foi no recalque da sensualidade, no curso do processo da neurose obsessiva, tanto mais natural deve ter se tornado para ele revestir o pai, o autêntico representante da atividade sensual, de tais intenções más. (FREUD, 2010 [1914], p. 117 - destaque meu)

Prova da atitude ambivalente em relação ao pai são os sintomas obsessivos do garoto que demonstram hostilidade ante o objeto amado e também compaixão. Há dois fatores opostos agindo no garoto, que não obstante, são os dois fatores que impulsionaram a existência do sistema totêmico e das futuras religiões - a consciência de culpa do filho e sua rebelião (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 231). Aqui, o medo da castração é exemplar ao se pensar nas perturbações da criança com o pai e como este modelo filogenético impera ante ameaças tidas ontogeneticamente²⁹. Adiante no mesmo ensaio Freud conclui que o recalque do *garoto está ligado ao conhecimento da castração*, visto que sua aceitação custaria o órgão genital do garoto. A masculinidade narcísica do genital masculino, é o motor ou causa do recalque da meta homossexual ante o pai (FREUD, 2010 [1914], p. 145).

Das tendências sexuais conflitantes, uma é conforme ao Eu, a outra fere o interesse narcísico; por isso sucumbe ao recalque. Nesse caso é também o Eu que desencadeia o recalque, em favor de uma das tendências sexuais. Em outros casos não existe um tal conflito entre masculinidade e feminilidade; há apenas uma tendência sexual que requer aceitação, mas vai de encontro a certos poderes do Eu, e por isso é ela mesma afastada (...) A atitude homossexual que surge durante o sonho é tão intensa que o Eu da pequena criatura fracassa em dominá-la e dela se defende pelo processo do recalque. Para ajudá-lo nesse propósito é chamada a masculinidade narcísica do genital, que é oposta àquela atitude (FREUD, 2010 [1914], p. 146 e 147)

²⁹ Cf. *Totem e tabu* (1912-1913), nota de rodapé 199, pág. 232.

O resultado dessa posterior investigação em *Homem dos lobos* permite inferir uma nova demanda no quadro comum da psicanálise - já comentada quando consideramos o fator infantil progressivo³⁰ - a de que no próprio Eu a tendência masculina (sexual) é capaz de desempenhar um recalque frente a tendência homossexual (que fere o interesse narcísico do Eu). Portanto, “é também o Eu que desencadeia o recalque, em favor de uma das tendências sexuais” (FREUD, 2010 [1914], p.146); a atitude homossexual que emerge no sonhos dos lobos é tão forte que o Eu da criança tenta recalcar esta tendência sexual a partir da masculinidade, procurando seu oposto atuante (FREUD, 2010 [1914], p. 147). Ademais, as reações do Eu frente às condutas ainda sádicas e masoquistas da criança geram como compromisso a angústia e formação da fobia, visto que sua finalidade tem como objetivo a autopreservação de sua “unidade” e conservação do narcisismo. A saber que o *Homem dos lobos* é pouco anterior ao ensaio *Introdução ao narcisismo* (1914) é possível perceber nesta leitura um impasse ante a conclusão de Freud acerca das finalidades do Eu e do fator infantil progressivo comentado acima, visto que ele utiliza-se da tendência masculina, que é sexual, para contra-atacar a atitude homossexual: “o eu não tem tendências sexuais, mas apenas interesse em sua autopreservação e na conservação de seu narcisismo” (FREUD, 2010 [1914], p. 148).

De modo que se tinha, de sua vida anímica, uma impressão igual à da velha religião egípcia, que nos é tão inconcebível por conservar os estágios do desenvolvimento junto aos produtos finais, prosseguir com os deuses e atributos divinos mais antigos ao lado dos mais novos, estender numa superfície o que em outros desenvolvimentos se torna uma figura em profundidade. (FREUD, 2010 [1914], p. 157)

Outros nuances tratam respectivamente da relação entre criança e primitivo: o quadro clínico da *zoofobia* revelava o medo do pai pela criança transferido ou deslocado facilmente ao animal; em *Totem e tabu*, tanto o primitivo quanto a criança veem o animal como igual e conseguem facilmente, por condensação e deslocamento - ambos mecanismos do inconsciente e arcaicos -, transferir e agregar figuras animais às familiares, como é o caso do totemismo e ao animal ancestral, e por outro lado as *zoofobias* que remetem ao ancestral (pai) como causa do medo no animal (substitui o pai) - questão claramente edipiana (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 196 e 197). Neste caso, o deslocamento e a condensação procuram dar conta da ambivalência afetiva em relação ao pai, procurando um sucedâneo deste. Freud conclui que: “nessas *zoofobias* das crianças reaparecem traços do totemismo (ambivalência e

³⁰ Cf. página 41 do trabalho.

identificação com o animal) em forma negativa” (FREUD, 2012 [1912-1913], p. 196 e 197 - parênteses meu).

É para tentar explicar por que a visão de uma criança de um ano e meio de coito entre os pais é uma experiência excessivamente forte, apesar de a criança não dispor ainda de um sistema simbólico que confira significação à cena, que Freud faz apelo a esse conteúdo filogenético análogo ao instinto animal que seria o informador arcaico dessas primeiras experiências. (GARCIA-ROZA, 2009, p. 161)

A questão a respeito da suposição de um fator constitucional ou disposição filogenética como os esquemas herdados - a respeito do conteúdo da cena primária e retorno ao desenvolvimento primitivo, por exemplo - é colocada pelo próprio Freud como “a mais espinhosa de toda a teoria psicanalítica” (FREUD, 2010 [1914], p. 137, nota de rodapé 51). Mesmo assim, Freud diz respeito neste texto algumas características pertencentes à natureza psíquica arcaica, como é o caso da fixação, ambivalência afetiva, a existência da contradição nos investimentos libidinais e o “saber” instintivo (*Instinkt*) similar ao dos animais que age na criança na compreensão da cena ou fantasia primária (FREUD, 2010 [1914], p. 157 a 159). Tais precipitados da história da cultura humana existentes na psique - assim como o Édipo - são aqui explanados na primeira e segunda seção do capítulo em *Totem e tabu* e trazidos nesta a partir dos modelos individuais de *Schreber* e do *Homem dos lobos*. Foi demonstrado que tais esquemas e caracteres arcaicos foram nestes casos de neurose e paranóia autônomos frente a vivência factual, de modo que a fantasia triunfa sobre o ontogenético.

Havendo tal patrimônio instintivo também no homem, não seria de espantar se ele atingisse particularmente os processos da vida sexual, embora não possa de maneira alguma limitar-se a eles. Esse elemento instintivo seria o âmago do inconsciente, uma primitiva atividade do espírito, que posteriormente é destronada e recoberta pela razão humana que se vem a adquirir, mas com muita frequência, talvez sempre, mantém a força para fazer baixar até si os processos anímicos mais elevados. O recalque seria o retorno a esse estágio instintivo, e desse modo o homem pagaria com sua capacidade para a neurose a sua grande aquisição, e com a possibilidade da neurose testemunharia a existência do estágio preliminar anterior, de tipo instintivo. A significação dos traumas da primeira infância estaria em que abastecem esse inconsciente de um material que protege da consumição pelo desenvolvimento ulterior. (FREUD, 2010 [1914], p. 159)

A fim de conclusão, cabe ressaltar que é neste ensaio do *Homem dos lobos* que Freud localiza o âmago do inconsciente no elemento instintivo símile dos animais, parte do patrimônio humano também; o que prova a existência deste estado instintivo e núcleo do inconsciente é o mecanismo do recalque, que permitiu durante os empenhos psicanalíticos, não apenas

localizar os motivos dos sintomas, traumas e demandas inconscientes, mas também a própria estrutura do inconsciente e seu funcionamento arcaico filogenético (FREUD, 2010 [1914], p. 159). As demais considerações acerca do funcionamento primitivo ao decorrer das obra *Totem e tabu*, e visualizadas nos casos individuais de *Schreber* e do *Homem dos lobos* comprova e legitima uma espécie de amálgama entre a historicidade reconstruída na clínica e aquela dos povos primitivos. Os atravessamentos destas determinantes primitivas permitem questionar em que ponto há lugar de ação para o eu consciente. Para responder satisfatoriamente a esta questão, a próxima seção tratará do funcionamento e criação dos sintomas e qual a relação do eu consciente neste processo.

Recalque e sintoma: fixação e regressão?

O recalque propriamente dito (recalque secundário) - como trata Freud em seu ensaio *O recalque* - afeta os derivados psíquicos do recalque originário ou as cadeias de pensamentos que entraram em vínculo com estes derivados psíquicos; ou seja, o recalque secundário está intrinsecamente ligado ao primário já que este último forma polos de atração com suas representações/derivados/cadeia de pensamento em associação (FREUD, 2010 [2015] p. 86). O primordialmente reprimido atrai “tudo aquilo com que pode estabelecer contato” (FREUD, 2010 [2015] p.86). O recalque não teria sucesso se estas forças não atuassem juntas. O recalque surge do conflito observado entre o sistema inconsciente e o pré-consciente-consciente e sua função é simples: impedir representações que causariam ao eu desprazer, sendo necessário reprimi-las ao inconsciente: “Esse afastamento regular e fácil do processo psíquico ante a lembrança do que foi penoso nos fornece o modelo e o primeiro exemplo de recalque psíquico” (FREUD, 2019 [1900] p. 341).

O representante ideativo fixado, por não estar no controle do *Pcs.* e da *Cs.* não sofre influência destes, e no inconsciente consegue – partindo da sua indestrutibilidade – se multiplicar em derivados existindo independente do processo secundário (FREUD, 2010 [1915] p. 86). Assim, ele estabelece mais associações e formas extremas de expressão apresentada por exemplo nos sonhos de angústia (sofrem distorção). Freud coloca a noção de fantasia ao lado destas representações extremas: “essa ilusória intensidade da pulsão³¹

³¹ Para melhor se adequar ao vocabulário do que estamos apresentando a tradução foi modificada de “impulso” para “pulsão”.

(apresentam ao neurótico como fobias por exemplo, sintomas, sonhos de angústia) é produto de uma desinibida expansão da fantasia e de um represamento devido à satisfação frustrada” – e Freud termina: “o fato de esse acontecimento – expansão da fantasia – estar ligado ao recalque é algo que indica onde devemos buscar a verdadeira significação desta” (FREUD, 2010 [1915] p. 87).

As fantasias no estado neurótico colocam-se frente ao doente com uma força instintual tão grande que esta assemelha-se para ele como um inimigo; é o exemplo do conflito entre eu consciente e o inconsciente através destes recalcos e da fantasia, que se torna mais ameaçadora quando não é satisfeita, esta investe-se contra o eu novamente através dos derivados. E são estes derivados o material privilegiado que conseguem ultrapassar a censura visto que levam ao material recalcado. Cada um está submetido a uma vicissitude e a censura se esforça e gasta muita energia para manter o material recalcado no inconsciente; quando esta não consegue, o material e o afeto conseguem se infiltrar na consciência através de uma formação de compromisso (sintoma, angústia) o que caracteriza um período de atenuação do conflito de ambas instâncias no sujeito. Esta formação de compromisso já encerra o último “tipo” de recalque que Freud formula: o retorno do recalcado (FREUD, 2010 [1915] p. 94).

Para Freud este retorno é novamente uma regressão do desenvolvimento ao ponto de fixação, a um estágio, infantil. Assim estes representantes são o material, traços mnêmicos da infância e os derivados que remontam estas recordações e encarnam desejos inconscientes de origem infantil (FREUD, 2019 [1900] p. 651) – a sintomatização que tem seu reflexo na realidade material, surge da realidade psíquica, mas há de se questionar o predomínio da realidade psíquica, visto o esforço da censura e mecanismos de defesa como possibilidade de uma ação do eu consciente em forma de compromisso, mesmo que os sintomas advêm dos derivados inconscientes nos quais o recalque falha. O sintoma é testemunho de que na formação de compromisso o eu consciente de alguma maneira precisa ser atendido.

Tais derivados têm sua relação com a pré-história do sujeito neurótico visto que os sintomas mostram certa fixação do sujeito em traumas do passado que o alienam do presente e do futuro, pela inadequação com a realidade material com a qual o neurótico se encontra. Fixa-se, portanto, em um período de seu passado num retorno à infância (FREUD, 1976 [1916-1917], p. 251). Portanto, a libido procura sempre se satisfazer; diretamente - quando o eu aceita suas imposições e não sintomatiza, pois não encontrou conflito com a demanda inconsciente - ou indiretamente - quando o eu consciente, entra em conflito por não concordar

com as imposições libidinais e fixa regressivamente numa das fases de desenvolvimento da infância e sintomatiza (FREUD, 1976 [1916-1917], pp. 326, 327).

Deste modo, o sintoma torna-se substituto da satisfação frustrada do desejo inconsciente, que realiza a regressão para um estado que não era privado de sua libido, repetindo a forma infantil de satisfação³². E o que a realidade psíquica tem a ver com o sintoma? Tais cenas da infância, segundo Freud, em sua maioria não dizem respeito à materialidade dos fatos, são opostas à verdade histórica factual. Essas experiências da infância não são compatíveis com os acontecimentos da realidade material, com as quais permitem que os sintomas representem não apenas fixações, mas por vezes fantasias da própria pessoa. A fantasia neste sentido preencheria a experiência do neurótico quando a realidade material não é suficiente³³.

Por isso é tangível que Freud aumente o valor dado à realidade psíquica como determinante não só dos sintomas, mas do redirecionamento libidinal e imprima importância não só à regressão, mas a uma constituição filogenética de experiências vividas pelos ancestrais no passado, constituição herdada que surgiu no início da infância nas chamadas fantasias originárias (*Urphantasie*) (FREUD, 1976 [1916-1917] pp. 336-338). Com as fantasias originárias, Freud celebra a pré-história da espécie que oferece elementos que não são individualizados ou adquiridos pela ontogênese.

Acredito que essas fantasias originárias, como prefiro chama-las, e, sem dúvida, também algumas outras, constituem um patrimônio filogenético. Nelas o indivíduo se contacta, além de sua própria experiência, com a experiência pré-histórica naqueles pontos nos quais sua própria experiência foi demasiado rudimentar. (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 326 e 327. Tradução feita por mim)

Constata-se que um conflito entre as duas instâncias é declarado por Freud como parte fundamental do funcionamento psíquico normal. É possível enunciar uma parte do problema; o eu consciente se vê detido e não tem liberdade para escolher e administrar suas pulsões somente por si mesmo; a ele não pertence o desejo e as fantasias, que remetem ao esquema da pré-história das espécies. Os sonhos, os sintomas, as alucinações psicóticas, os fetiches não criam fantasias, mas esta sim participa na formação destes e tem seu cerne no inconsciente.

Será então nestes dois recalques³⁴ que a fantasia investe contra o eu consciente por meio dos derivados, pontos de fixação e regressão quando é frustrada, não satisfeita. Há, portanto, uma

³² O que permite a libido escapar para algum lugar são então estes pontos de fixação, que levam a um retorno as atividades e experiências da sexualidade infantil ao descarregar a pulsão nestas antigas fixações nas quais o eu consciente se satisfazia realmente. Nestes retornos que se criam os sintomas (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 334 - Tradução feita por mim).

³³ Como ocorre com a fantasia da cena primária.

³⁴ Recalque secundário e retorno do recalçado.

continuidade das determinações da pré-inscrição e da atividade primitiva. É a partir da questão da fixação e regressão ocasionada por uma grande intensidade energética em desequilíbrio a qual o recalque não consegue conter em que se testemunha a dependência do eu consciente à realidade psíquica, mas não obstante, há de se pressupor na formação do compromisso uma possível ação do eu consciente frente aos derivados.

Sobre esta possível ação do eu consciente frente aos derivados, cabe continuar esta verificação considerando ainda os ensaios das *Conferências* de 1916-1917 e demais ensaios metapsicológicos que serão nomeados. Sabe-se que devido ao sintoma ser um *compromisso* entre a tentativa de realização do desejo inconsciente (através dos derivados) e as demandas da realidade e do eu consciente - com a qual não pode oferecer motilidade ao desejo das moções inconscientes - o sintoma fornece pistas as ações do eu consciente, visto que este é a realização do desejo inconsciente sob as balizas do eu consciente a ofertar outros caminhos com os quais a consciência realiza parte da ação e retarda, mesmo que em alguns casos seja insuficiente e em parte penoso ao indivíduo, a motivação principal inconsciente (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 245).

Também, que os preceitos do cerimonial (os sintomas) refletem os desejos sexuais ora de maneira positiva, ora negativa, em parte como obrigação do desejo e em parte como defesa contra eles. (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 245. Tradução e parênteses feito por mim)

O início do processo sintomático inicia quando o eu consciente pode não admitir o reconhecimento do desejo inconsciente, ou seja, a consciência pode não permitir a ligação de resíduos verbais à *representação da coisa* do inconsciente; a ação da consciência é ofertar e balizar por outros caminhos as representações inconscientes - sem que o próprio indivíduo tenha percebido a realização desta mudança (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 246); assim, mesmo que o doente realize ações despropositadas e tenha ideias, pensamentos com as quais não encontra conexão (sintomas), o empenho da realização motora e significação no pensamento (agregam resíduos verbais/ *representação da palavra*) não advém somente dos recalcados, é também o eu consciente que forma o sintoma ao barrar o principal desejo inconsciente, mesmo que nos casos de fracasso do recalque os derivados consigam figuração na vida do doente (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 246). A prova de ação do eu consciente está em que através das vivências individuais ou de resíduos perceptivos do passado do paciente é possível encontrar através deles um *sentido e intenção* do sintoma.

Assim, em dois exemplos escolhidos lhes mostrei que os sintomas neuróticos possuem um sentido, mesmo os atos falhos e os sonhos, e que estão em *vinculação íntima com as vivências do paciente* (...) O sentido de um sintoma reside, segundo

averiguamos, em um vínculo com as vivências do doente. Quanto mais individual é a marca do sintoma, mais facilmente estabelecemos este nexos. A tarefa que surge não é outra que esta: para uma ideia sem sentido e uma ação carente de um fim, é preciso descobrir aquela situação do passado em que a ideia estava justificada e qual ação correspondia a este fim. (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 246. Tradução e destaque feito por mim)

O fracasso do recalque é prova não somente da falibilidade da censura, mas também das tentativas de ações do eu consciente de fuga e busca pelos sintomas. Outra prova da ação do eu consciente é no processo de tomada de consciência - ligação entre a representação inconsciente à representação verbal - quando o eu consciente encontra finalmente o propósito das ações e pensamentos aparentemente “despropositais” em alguma vivência passada que não decorreu de acordo com o eu consciente, resultando numa frustração ou trauma (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 246). Quanto mais vivências individuais um sintoma tem, mais fácil é encontrar seu real propósito, que contém uma frustração do eu consciente e uma moção inconsciente entrelaçada da qual o eu consciente se defende (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 246).

A dificuldade em torno de sintomas com menos vivências individuais, aqueles sintomas “típicos” que são encontrados em diversas pessoas é de se pressupor que tais sintomas *carregam vivências também mais típicas, frequentes e comuns* (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 247). Portanto, o sintoma é mescla das defesas e deformações do eu consciente frente a moção pulsional que paradoxalmente permite ao derivado certa representação mesmo que deformada. As maneiras do eu se defender também delimitam o tipo de neurose a ser tratada (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 246).

A formação de sintomas é um substituto para algo diferente, que é interceptado. Certos processos psíquicos deveriam ter se desdobrado normalmente até que a consciência os percebesse. Isso não aconteceu e, em troca, dos processos interrompidos, perturbados de alguma forma, forçados a permanecer inconscientes, surgiu o sintoma. Portanto, algo como uma permutação ocorreu; se puder ser desfeito, a terapia dos sintomas neuróticos terá cumprido com êxito sua tarefa (...) Pelo menos parte do significado inconsciente dos sintomas seria facilmente processado dessa maneira; Por outro lado, da ligação entre os sintomas e as experiências do paciente, o médico não pode inferir muito, é verdade: ele não conhece essas experiências, tem que esperar até que o paciente se lembre delas e lhe conte. (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 256 - Tradução feita por mim)

O sintoma, deste modo, apresenta-se como compromisso, substituto de algo que não ocorreu, derivado inconsciente que conseguiu acessar a consciência pelo Pcs. (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 256); a neurose é uma espécie de ignorância, um “não-saber” da própria enfermidade e dos seus motivos, pela característica ambígua do sintoma suportar coisas que seriam de início opostas: o recalcado e o repressor. Superar a ignorância depende apenas do neurótico; apenas o eu consciente consegue criar uma modificação interior no paciente sob

tratamento analítico, em converter para a consciência (*representação da palavra*) o elemento patógeno inconsciente (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 257). Na clínica, portanto, é o eu consciente que procura vencer as resistências e tornar consciente de algo que até então não sabia, eliminar, portanto, a ignorância - as lacunas da memória e rememorar, romper o nexo das memórias modificadas e esquecidas por ele mesmo (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 257). A fala, mecanismo motor pertencente ao eu consciente, consegue no tratamento analítico se colocar como substituta do ato motor que o desejo inconsciente tanto procura. Ela é análoga ao esgotamento motor que o desejo procura.

Deste modo, o eu consciente possui certa ação, mesmo que difícil, sobre a realidade psíquica, pois ao mesmo tempo que é resistente e procura manter recalçada a representação de desejo, *o essencial da terapia é que supere as resistências para se libertar do sintoma que procura se esconder, não descobrir*; o próprio eu consciente resiste ao tratamento e se opõe a ajuda, pois parte dele tem como função barrar o desejo desprazeroso, fantasias ou vivências traumáticas (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 263). A regra fundamental da psicanálise, a associação livre, dizer *tudo* para o terapeuta, do mínimo ao mais fantástico e vergonhoso é prova de que o eu consciente precisa empreender também uma luta para vencer ao sintomático que está fixado no passado e que pretende se abster do desvendamento do inconsciente e do material do passado (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 263 e 264).

Basta saber que ao final é possível, com determinação e tenacidade, arrancar da resistência certa quantidade de obediência à regra técnica fundamental, e então se volta para outro campo. Aparece como resistência intelectual, luta com argumentos, fortalece-se nas dificuldades e implausibilidades que o pensamento normal, mas não instruído, encontra nas doutrinas analíticas. (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 264 - Tradução feita por mim)

Freud afirma no prefácio da edição de 1915 da obra *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905)* que os elementos acidentais precisam ser considerados em primeiro plano, e os disposicionais devem ser deixados em segundo - assim, o ontogenético viria antes do filogenético, justamente pelos fatores acidentais e individuais terem primazia na tarefa analítica e clínica. Talvez, esta consideração da primazia do conteúdo individual seja mais adequada à questão terapêutica do que teórica, ou seja, ao problema de adequação entre a teoria psicanalítica e sua *práxis*, visto que os elementos ontogenéticos não deixam de ser repetições daqueles filogenéticos, em que a mais nova vivência do indivíduo é formada pelos fatores acidentais e os precipitados da antiga espécie, com função de somar aos fatores (FREUD, 2016 [1915] p. 15).

É sempre mantida determinada sucessão de instâncias: os *fatores acidentais são colocados na frente, os fatores disposicionais são deixados em segundo plano e o desenvolvimento ontogenético é considerado antes do filogenético*. O elemento acidental desempenha o papel principal na análise e é quase inteiramente subjugado por ela. Os elementos disposicionais somente aparecem atrás dele, como algo que é despertado pelas vivências; no entanto, sua avaliação leva muito além do trabalho da psicanálise. É semelhante à relação entre ontogênese e filogênese. A primeira pode ser vista como repetição da segunda, na medida em que esta não seja modificada por uma vivência mais recente. *A disposição filogenética se faz notar por trás do evento ontogenético. No fundo, porém, a disposição é justamente o precipitado de uma vivência mais antiga da espécie, vivência à qual vem se acrescentar, como soma dos fatores acidentais, a mais nova vivência do indivíduo.* (FREUD, 2016 [1915] p. 15 - destaque meu)

A constatação da filogênese e dos precipitados da história dos antepassados faz-se forçosa quando até mesmo na nova edição de 1915 dos *Ensaio*s originalmente de 1905, Freud faz questão de sublinhar a questão da ontogênese e da filogênese. Aproveitando a entrada nos *Ensaio*s sobre Teoria da Sexualidade, cabe destacar que o destino final das pulsões até então parciais na criança e nos casos das neuroses e perversões, estas, no indivíduos saudável, tendem normalmente à se unirem com a meta à única zona erógena, a genital. Outrossim, a realização da libido fundamenta-se em última instância na realização da vida sexual normal, momento(s) no qual o eu consciente tem privilégio frente à realidade psíquica (FREUD, 2016 [1905], p. 71).

Algo que todos os seres humanos têm em comum, que, como predisposição, pode oscilar na intensidade e ser enfatizado pelas influências da vida. Trata-se das raízes inatas, constitucionais, do instinto sexual, que numa série de casos se desenvolvem até se tornarem os autênticos veículos da atividade sexual (perversões) e outras vezes sofrem uma supressão (recalque) insuficiente (...) enquanto nos casos mais favoráveis, entre os dois extremos, podem dar origem, por meio de uma restrição eficaz e de outras formas de elaboração, à assim chamada vida sexual normal. (FREUD, 2016 [1905], p. 71)

Retornando as considerações das *Conferências*, as ações do eu consciente não se dirigem somente aos derivados no processo do recalque, mas também a esta “fachada” do próprio eu consciente, a mesma que se defende dos derivados. O principal tema da análise é, portanto, superar as resistências e chegar o mais próximo possível das moções de desejo (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 264); A superação das resistências envolve uma ação do eu consciente frente não somente ao recalco mas também ao repressor. O conflito entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu (autoconservação) levam uma tarefa ao eu consciente que pode, como já dito, admitir a tendência sexual ou a rechaçar e recalcar - momento em que duas forças formam compromisso e *sustentam o sintoma*, motivo dessa dupla força ser tão difícil de superar.

Agora, de que maneira explicamos essa observação, a saber, que o paciente se defende tão vigorosamente contra a eliminação de seus sintomas e o restabelecimento de um curso normal em seus processos psíquicos? Dizemos a nós mesmos que ali registramos forças poderosas que se opõem a uma mudança de estado; tem que ser as mesmas que a impuseram em seu tempo. Já sabemos pela observação de Breuer: a existência do sintoma tem como premissa o fato de que algum processo psíquico não foi realizado normalmente, ou seja, de forma que pudesse se tornar consciente. O sintoma é um substituto do que foi interceptado. E bem; conhecemos o lugar onde é necessário situar a ação assim conjecturada. Deve ter havido uma relutância violenta em permitir que o processo anímico questionado penetrasse na consciência; Por isso permaneceu inconsciente. E como inconsciente tinha o poder de formar um sintoma. Essa mesma relutância se opõe durante a cura analítica ao esforço de transportar o inconsciente de volta ao consciente. Isso é o que sentimos como resistência. O processo patogênico que a resistência nos revela deve ser chamado de recalque. (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 268 - Tradução feita por mim)

A sustentação do sintoma a partir do prisma da pulsão sexual se mostra na busca por outros modos de satisfação infantis, buscando através da fixação, organizações e objetos aparentemente superados, como também já fora explicado; *mas a novidade é que* o eu consciente se coloca nessa relação com as pulsões sexuais como oposição, levando esta realização por caminhos indiretos (por exemplo defendendo pela inervação somática, ou buscando substitutos pelas ideias obsessivas ou fóbicas) (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 328). Dessarte, como já dito, a causa das neuroses também carregam ambiguidades: parte advém das fixações, vivências pré-históricas, a constituição sexual e predisposições mencionadas no início desta seção; e outra parte da série complementar de vivências infantis acidentais, traumáticas, portanto, do desenvolvimento sexual infantil (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 329). O sintoma repete, então, a satisfação do anterior modo de satisfação (fase oral, por exemplo), *mas deformada*, censurada pelo eu consciente.

Agora, onde a libido encontra as fixações de que necessita para quebrar os recalques? Nas práticas e vivências da sexualidade infantil, nos desejos parciais abandonados e nos objetos resignados da infância. Em direção a eles, portanto, reverte a libido. A importância desse período infantil é dupla: por um lado, nele se manifestam pela primeira vez as orientações pulsionais que a criança trazia consigo em sua disposição inata; e em segundo lugar, *em virtude de influências externas, de experiências acidentais, outras pulsões foram despertadas e ativadas pela primeira vez.* (FREUD, 2010 [1915] p. 329)

O eu consciente carrega consigo as pulsões de autoconservação e mecanismos de proteção e modificação (censura) ante as pulsões sexuais, controle da motilidade e capacidade de agregar resíduos verbais as representações da coisa (FREUD, 2010 [1915] p. 146). Ademais, o neurótico carrega consigo não apenas ambas as tendências conflitantes que provam através dos sintomas sua existência, mas sobretudo o sentimento de *culpa* que o eu consciente carrega a fim de suportar sua existência na sociedade atravessado por pulsões sexuais de natureza outra da regularidade da lei, da restrição. Mas apenas esta concepção de eu consciente carece

ainda da complementação de outro ensaio metapsicológico que irá adentrar ainda mais as competências do Eu, o ensaio de 1914 chamado *Introdução ao narcisismo*, tópico do próximo capítulo em conjunto com uma maior consideração acerca de uma maior distinção sobre o conteúdo do inconsciente.

CAPÍTULO 3

O inconsciente: fantasias originárias

N^o *A Interpretação dos sonhos*, o inconsciente é tratado como uma fonte de excitação interna que tem em seu núcleo esses representantes recalçados que se proliferam no inconsciente e produzem os produtos do recalçado que chegam à *Cs.* distorcidos pelo *Pcs.* em detrimento do recalque, movimento de energia para primeiramente fixar e posteriormente conter o recalçado e seus derivados (FREUD, 2019 [1900] p. 658). Também, o inconsciente é este “algo” que deseja e suas representações estão ligadas as satisfações pulsionais sexuais. Mas viu-se também que o inconsciente/sistema primário tem um núcleo filogenético e produções que escapam aos parâmetros da ontogênese e não se reduzem ao recalçado.

Tudo que foi tratado aqui sobre o inconsciente é aquilo que Freud considera como realidade psíquica que tem seu cerne no desejo e na fantasia. A realidade psíquica regulada pelo desejo se contrapõe ao material regulado pela consciência. São nestes dois polos que se encontra o cerne do conflito que marca o psiquismo (BIRMAN, 2003, p. 42). Freud no capítulo VII parte [E] da *Interpretação* mostra a realidade psíquica como fundante de um modo particular no aparelho psíquico que é motor do indivíduo, mas ao mesmo tempo vai contra o próprio eu consciente.

O processo primário visa a descarga de excitação, a fim de, com a quantidade de excitação assim reunida, produzir uma *identidade de percepção* [com a vivência de satisfação]; o processo secundário abandonou essa intenção e a substituiu por outra, a de alcançar uma *identidade de pensamento* [com aquela vivência]. (FREUD, 2019 [1900] p. 655)

Na falta da identidade perceptiva³⁵ no caso da criança ou do adulto neurótico, é buscado na fantasia o “material” que preenche a experiência individual, com a herança filogenética; como no inconsciente não há marca de identidade, as fantasias que “criam” um mundo para a criança e para o neurótico. Se pensarmos no caso da criança, suas primeiras satisfações ocorreram alucinatoriamente antes da busca por uma saída pela resposta motora, porém, o que a criança almeja (identidade de percepção com a primeira satisfação) é negado pela pulsão de autoconservação, assim, a criança busca outros mecanismos pelo ato motor. A importância disto é que com esse ato motor é que se diferencia aquilo que é factual e não factual comparando com os traços mnêmicos adquiridos³⁶. O teste de realidade é um construto a partir das cadeias mnêmicas (FREUD, 1976, [1923] p. 255)³⁷. Quanto mais jovem a criança, maior o papel da herança filogenética e menor sua capacidade de distinguir a realidade psíquica da material; o mesmo ocorre com o neurótico. As fantasias completam o que a realidade não oferece à criança e ao neurótico. A filogênese completa o que a ontogênese não consegue dispor. A preponderância da vivência pré-histórica vai diminuindo de acordo com a individualização. A criança vai adquirindo cadeias de memórias elaborando a *sua* vivência.

Em oposição à predominância do *Ics.*, é que tanto no pensar, função orquestrada pelo princípio de realidade, quanto à primeira satisfação, ambas apontam numa ação do eu consciente para discriminar as representações *Ics.*, *Pcs.* e *Cs.* Para Freud, devido aos desejos *Ics.*, o âmago do nosso ser permaneceria inacessível à compreensão devido a inibição do *Pcs.*, mas estas moções continuam influenciando tendências anímicas posteriores. Assim, nem todo investimento do *Pcs.* fica a favor do material mnêmico, pois possui traços inacessíveis ao eu consciente. (FREUD, 2019, [1900] p. 658). Os comportamentos afetivos, escolhas amorosas, políticas estão ancoradas nas produções finais inconscientes das pulsões, isto é, nas fantasias, em que se instala no lugar do objeto da realidade no eu consciente, um objeto fantasiado destes derivados³⁸. Freud concluirá na última seção do capítulo VII da *Interpretação* que

³⁵ O inconsciente busca uma identidade perceptiva igual à da primeira vivência de satisfação, pois o desejo busca isto: reviver o traço mnêmico da primeira satisfação advinda da necessidade.

³⁶ O processo secundário busca uma identidade de pensamento com aquela vivência, porém não mais no mesmo plano perceptivo, assim o sujeito do desejo não poderá alucinar sua vivência primeira de satisfação.

³⁷ O segundo sistema, *Pcs./Cs.* impede a satisfação alucinatória da lembrança (regressiva) no estado patológico e a levará não somente ao recalque, mas a uma direção progressiva pelo *Pcs.* ligando a pulsão a um objeto substitutivo (no mundo externo, realidade material). Por isso a segue em direção à motilidade com o objeto reativando suas cadeias mnêmicas até trazê-las a percepção sensorial – direcionando a ação motora sob um objeto; ela terá que passar por um processo de escolha (FREUD, 2019 [1900] p. 652) e se satisfazer pela realidade.

³⁸ Cf. FREUD, 2011 [1915] pp. 131-132 §1-3.

existem processos de pensamentos altamente complexos que ocorrem sem a intervenção da consciência.

Nas palavras de Lipps [1897, pp. 146 ss.], o inconsciente tem de ser visto como a base geral de toda vida psíquica. O inconsciente é o círculo maior que encerra em si mesmo o círculo menor do consciente; tudo consciente tem uma fase preliminar inconsciente, enquanto o inconsciente pode permanecer nessa fase e, contudo, reivindicar o valor pleno de uma atividade psíquica. O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, *tão desconhecido para nós, em sua natureza íntima, quanto a realidade do mundo externo, e nos é apresentado de modo tão incompleto pelos dados da consciência quanto o mundo externo pelas indicações de nossos sentidos.* (FREUD, 2019 [1900] p. 666).

A realidade psíquica apresenta tamanha inteligibilidade que ela terá importância igual à realidade material (MEZAN, 2005, p. 472); porém esta realidade apresenta-se ao sujeito como representações de fantasias inconscientes derivadas de impulsos sexuais presente nos sintomas e vestígios do inconsciente que acessam à consciência (FREUD, 2019 [1900] p. 666). Na neurose, Freud reforça que a realidade psíquica é a realidade definitiva (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 336). Ao observar que as fantasias fazem da história dos ancestrais um “espetáculo” do desejo e também de tempos primitivos quando testemunha em vários pacientes a reprodução de mesmos conteúdos, Freud supõe a existência de um acervo filogenético fruto da evolução humana.

Tais conteúdos provieram dos povos primitivos e foram internalizados e fantasiados como parte de um acervo filogenético³⁹ (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 338). O processo regressivo, por se tratar de uma introversão ao sistema primário, leva o sujeito a experimentar os processos nos quais não havia diferenciação entre *Ics.* e *Pcs./Cs.* que remetem ao determinismo da filogênese. As fantasias mostram-se como fontes dos sonhos e dos sintomas e conseguem se reerguer no indivíduo já diferenciado pela consciência por independer do princípio de realidade; são submetidas ao princípio de prazer e conferem a possibilidade do gozo independente do mundo material; é na e pela fantasia que o prazer não precisa ser renunciado. O neurótico seria um “duplo” dotado de razão e animosidade ao buscar prazer pelas fantasias (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 339).

Desse modo, na atividade da fantasia, o homem continua a desfrutar da liberdade da compulsão externa, à qual há muito tempo renunciou, na realidade. Ele conseguiu, em alternância contínua entre um e o outro, seguir sendo um animal em busca de prazer, para se tornar então sempre, novamente, num ser racional. (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 339 – tradução feita por mim)

³⁹ Freud destaca alguns conteúdos, como a sedução de crianças, a excitação sexual ao observar o coito dos pais e a ameaça da castração como representações centrais das fantasias (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 338).

Portanto, a realidade psíquica é em vista das fantasias aquilo que Freud por analogia chamou de “reservas naturais”; partes intocadas, como florestas, que contém o intocado pelo sujeito consciente. O eu consciente depende deste “estado original” para que o desejo possa ser encenado e “ganhar vida” por meio das fabulações. Pela fixação a libido encontra um caminho com a qual a fantasia mantém uma ligação com os objetos e tendências que há muito tempo foram negadas pelo sujeito consciente (FREUD, 1976 [1916-1917] p. 340).

Se o indivíduo é levado a sair da vida primitiva e estabelecer obrigatoriamente uma relação com o mundo/objeto/outro, pois aquilo que o move são suas necessidades satisfeitas impossível de vivenciá-la de maneira alucinatória satisfazendo-se imediatamente, conclui-se que a civilização precisa delinear necessidades ou ao menos metas cuja as satisfações existem “fora” do desejo, o que para Monzani (2011) significa definir que o indivíduo é delineado pelas inibições ontogênicas realizadas num desejo filogenético por excelência (MONZANI, 2011, p. 248). Dessa proibição do recalque secundário que a civilização surge, e o Édipo⁴⁰ se mostra “decisivo para o advento da cultura” (MONZANI, 2011, p. 246).

Ademais, agregando ao recalque originário que ocorreu - o que resultou na separação das instâncias *Ics.* e *Pcs./Cs.* e não obstante, continua atuando na vida psíquica - e a controversa possibilitada pelo recalque secundário na relação recíproca entre inconsciente e consciência que resulta na formação de compromisso (FREUD, 2018 [1940-1938], p. 217), refletiu-se nas possibilidades de liberdade que o eu consciente tem frente ao determinismo das satisfações instintuais, do desejo e em quais circunstâncias o eu consciente emerge como protagonismo da vida anímica.

Na noção de fantasia originária, confluem o que se pode chamar segundo Laplanche, do desejo de Freud de descobrir o alicerce do evento e basear a estrutura da própria fantasia (LAPLANCHE; PONTALIS, [1988] pp. 53-54). São pelas fantasias que as representações estão dispostas na realidade psíquica (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001 [1924] p. 236); são histórias imaginárias em que a pulsão se fixa e que concebe tais encenações do desejo, momento em que Freud pôde observar a criação das mesmas na clínica e reencontrá-las nas fabulações, concluindo que: não é tanto na história de tais eventos vivenciados pelo sujeito

⁴⁰ O desejo é constituído na infância sob véu do Édipo com a admissão da castração e da escolha objetal realizada primeiramente na imaginação (FREUD, 2016 [1905] p. 148). O Édipo é um dos conceitos que permitem articular ontogênese e filogênese ao formular uma “culpa” universal da ambivalência afetiva advinda do assassinato do pai primitivo, Freud dá ao Édipo um lugar originário e fundante na teoria psicanalítica, quicá determinante tanto para as predisposições neuróticas, aquelas que não resistem ao Édipo, quanto às predisposições saudáveis, que não podem ceder ao Édipo (MONZANI, 2011, pp. 253-254).

que esta encontra-se, mas sim num esquema anterior, “organizador” justificada pela explicação filogenética.

Aquém da história do sujeito, mas, não obstante, na história, discurso e cadeia simbólica, embora impregnada de imaginário, estrutura, embora arrumada a partir de elementos contingentes, a fantasia originária é, em primeiro lugar, fantasia e como tal marcada por certos traços que a tornam dificilmente assimilável a um puro esquema transcendente, mesmo que venha a fornecer à experiência suas condições de possibilidade. (LAPLANCHE; PONTALIS, [1988] p. 56).

Considerar o inconsciente como tendo em seu eixo o recalçamento, proporciona destaque à ontogênese por estar vinculada as transformações e desenvolvimento do sujeito desde nascido e possibilita questionar para um protagonismo: vale então perguntar até onde o eu consciente pode ser agente e ter liberdade em relação à instância pulsional. Contudo, ao menos na Primeira Tópica é preciso pensar nesta “anterioridade” que localiza o inconsciente aquém do próprio homem singular, antecedência justificada pela explicação filogenética e recalque originário, mas não obstante, o empírico a individualidade do indivíduo sob o recalque (LAPLANCHE; PONTALIS, [1988] p. 53-54).

Mas poucos pensadores deram o passo de uma fisiologia para uma teoria evolutiva da mente mais ardente do que Freud, com suas sínteses conceituais da lei biogenética; o inconsciente como o filogeneticamente arcaico no homem; os sistemas primários (impulsivo) e secundário (inibitório). (...) Vista sob uma perspectiva histórica adequada, a teoria da mente de Freud é a personificação de uma era científica imbuída da maré crescente do darwinismo. (SULLOWAY, 1979, p. 497 – Tradução feita por mim).

Evidencia-se na proposta que na *Interpretação* e nos ensaios Metapsicológicos existem problemáticas acerca da noção e definição de inconsciente que o pesquisador lida. Está claro que a investigação se centrará no conflito existente entre *Ics.* e *Pcs./Cs.* e que este conflito existe a partir da formulação topográfica do aparelho mental explícita na *Interpretação*. A questão que implica buscar em que circunstâncias o eu consciente é agente e se isto é possível se confirma a partir do momento em que a formulação de eu na *Interpretação* é ela mesmo ambígua e problemática, assim como a noção de inconsciente (MONZANI, 2014, p. 234). O conteúdo do conflito inconsciente e seu limite não é condizente com aquilo que se denominou inconsciente na Primeira Tópica, isto por dois motivos.

O primeiro é que a noção de inconsciente como lugar do recalçado não basta devido às pressuposições de ordem filogenética, pois possui estruturas psíquicas gerais, herdadas e um núcleo biológico (MONZANI, 2014, p. 245) que transborda a concepção do inconsciente do indivíduo constituído sob o recalque ontogenético. O segundo motivo, e é o que se procura averiguar, é o (pouco) espaço que o eu consciente tem no sistema freudiano, na Primeira Tópica, questão que advém da formulação de que o eu é relacionado as funções da

consciência (MONZANI, 2014, p. 241). Na *Interpretação* se examina que os laços entre eu e consciência são muito paralelos, relacionando-o as funções motoras e aos mecanismos de defesa pertencentes ao *Pcs*. Na concepção de Mezan (2002), na *Interpretação* não há um “eu” ainda, pois o “aparelho psíquico é montado de tal maneira que aquilo que inibe a descarga imediata é fundamentalmente a censura” (MEZAN, 2002, p. 534). Deste modo a sede está mais no pré-consciente que no eu, formulação um tanto problemática em que delimitação rígida de dois sistemas (primário e secundário) para composição do aparelho psíquico traz contradições para a noção de eu.

Tendo em vista estes dois problemas delineados acima, advindos da questão do recalque originário como fundante da clivagem *Ics. Pcs./Cs.* e do seu núcleo pré-formado pelo saber instintual, que leva ao recalque secundário e aos pontos de fixação sob o prisma das elaborações das fantasias originárias, a suspeita é de que na ontogenia possa existir algum protagonismo do eu consciente, depreendendo a suposição de que o psiquismo não se situa tão pré-determinado por este sujeito da realidade psíquica. Se o Eu está identificado à consciência, ele perderia seu espaço de ação para o sistema primário? Uma resposta satisfatória para esta tarefa é buscar em qual ou quais ensaios metapsicológicos o Eu transborda da concepção que até então vimos reduzida as funções da consciência.

A guinada do Eu em “Introdução ao narcisismo (1914)”

Na *Interpretação* observamos que os laços entre eu e consciência são muito estreitados, relacionando-os as funções motoras e aos mecanismos de defesa pertencentes ao *Pcs*. (recalcamento). No sistema *Pcs*. muitas vezes Freud formula que a defesa é em si inconsciente; essa ambiguidade conceitual também o levará a reformular o sistema secundário em obras posteriores, como em *Eu e o id (1923)* e a reorganizar a concepção de Eu não como consciente, mas que é em parte inconsciente. A obra escolhida para análise desta problemática é justamente o primeiro ensaio metapsicológico, *Introdução ao narcisismo (1914)*. Neste ensaio um dos principais objetos de discussão é o desenvolvimento do Eu, que até então estava obscurecido pelo zelo de Freud em conceituar o inconsciente nos demais textos metapsicológicos e na *Interpretação*. Para Garcia-Roza (2009) e Mezan (2002), o ensaio *Introdução ao Narcisismo* é aquele em que o eu toma finalmente corpo na teoria psicanalítica (GARCIA-ROZA, 2009, p. 198) visto a concepção de narcisismo, na qual o eu passa a ser

objeto das pulsões e não adversário destas, como anteriormente formulou-se (MEZAN, 2002, p. 534).

Observou-se que o inconsciente não se esgota com os limites do sistema inconsciente que seriam o recalcado por excelência, primeira problemática averiguada ao longo do trabalho; a maior surpresa agora será mostrar que na conceituação de Eu, ele próprio terá estratégias que faz e não tem consciência delas, como será apresentado brevemente nesta seção. Porém, na *Interpretação* e na maioria dos ensaios metapsicológicos não é isto que é defendido por Freud, como demonstrado acima, visto a tentativa em enquadrar o aparelho psíquico em sistemas opostos (primário e secundário). Se o eu possui partes inconscientes, vemos uma contradição na Primeira Tópica, visto que Freud identifica o eu com a consciência.

Não foram só essas “contradições” da primeira tópica que levaram Freud a repensá-la em *O eu e o id*. Algumas questões de ordem conceitual também o incitaram a isso. Duas foram, no nosso entender, basicamente importantes: o problema da composição do inconsciente e a reformulação da noção de eu (...) Se o eu possui partes que são inconscientes, isso implica, como vimos, uma contradição com os postulados da primeira tópica (...) Na verdade, a partir de 1914, o conceito de eu sofreu algumas modificações razoavelmente importantes. (MONZANI, 2014, p. 234)

Em *Introdução ao narcisismo* (1914) Freud finalmente reparte as funções do Eu em instâncias; ali ele tem certa autonomia e é em parte inconsciente; torna-se reservatório da libido, pode observar-se, criticar-se; este “Eu” não está mais localizado na Primeira Tópica até então formulada, pois não é necessário opor os sistemas *Ics* e *Pcs./Cs.* para compreensão de como se dá o conflito neurótico. A neurose⁴¹ se dará sob uma nova perspectiva com o conceito de Eu apresentado no ensaio de 1914, essencial para compreendermos a Segunda Tópica e suas reformas, disposto como um conflito paradoxalmente adaptado entre o *Eu ideal*, *Eu* e *ideal do Eu*. Antes de adentrar nestas três concepções de Eu, cabe tratar do narcisismo, conceito que funda estes três termos do Eu. O narcisismo é uma etapa primária do desenvolvimento infantil nunca abandonada, em que a meta sexual, finalidade e o alvo da pulsão sexual se encontra sob o império de uma(s) zona(s) erógena(s) no próprio corpo, fase chamada de autoerótica, estágio infantil pré-genital posteriormente chamado de “narcisismo”, em que a libido estaria alocada no eu da criança, enriquecendo-o, “o autoerotismo seria a prática sexual do estágio narcisista da alocação da libido” (FREUD, 2010, [1916-1917], p. 378).

O que a noção de narcisismo tornou claro foi o fato de que as pulsões sexuais podiam retirar a libido investida nos objetos e fazê-la voltar sobre o próprio ego.

⁴¹ Não apenas a neurose, mas as parafrenias e distúrbios psicóticos também serão considerados nesta “nova” perspectiva.

Esse fato, que se tornou evidente a partir das investigações feitas sobre as psicoses, foi denominado “ narcisismo” e a libido investida sobre o próprio ego foi chamada de “ libido narcísica”. (GARCIA-ROZA, 2009, p. 109)

Há, no ensaio de 1914, a consideração do narcisismo na perspectiva primária e normal, como parte do desenvolvimento do ser humano e da estrutura do indivíduo (FREUD, 2010, [1914], p. 14). As questões acerca da introversão libidinal em parafrênicos (esquizofrênicos) levou a consideração por Freud de que nestas doenças, diferente das neuroses, a libido enriquece e investe o eu, acarretando na quebra do vínculo entre o Eu e a realidade, sendo esta última (a realidade) assegurada pelo investimento da libido de objeto (FREUD, 2010, [1914], p. 16). O narcisismo é o momento em que “*a libido retirada do mundo foi dirigida ao Eu*” (FREUD, 2010, [1914], p. 16 - destaque meu). Porém, isto não é tudo; há neste narcisismo da patologia uma obediência a um narcisismo primário com o qual este, agora secundário, fora edificado - aquele infantil com o qual iniciamos a explicação (FREUD, 2010, [1914], p. 16).

O narcisismo como estrutura permanente é conceitualizado também a partir das observações de *Totem e tabu* (comentadas no capítulo 1, seção 2) em que há a ideia de que *o eu é dotado de libido*, investindo a si mesmo num momento primeiro e *depois cede aos objetos* (FREUD, 2010, [1914], p. 17); há aqui a oposição entre libido do eu e do objeto, não mais pulsões sexuais e pulsões egóicas. A oposição não diz mais respeito à uma diferença de natureza, mas passa a ser em relação ao objeto de investimento, que ou será externo e objetual ou investida no eu (GARCIA-ROZA, 2009, p. 125). Além disso, este originário investimento libidinal do Eu nunca cessa; permanece no eu uma quantidade de libido que posteriormente precisa se adequar à libido oposta que possui fins objetivos (FREUD, 2010, [1914], p. 17).

Formamos assim a ideia de um originário investimento libidinal do Eu, de qual algo é depois cedido aos objetos, mas que persiste fundamentalmente, relacionando-se aos investimentos de objeto como o corpo de uma ameba aos pseudópodes que dele avançam (FREUD, 2010, [1914], p. 17).

Observa-se, portanto, que a conceituação do narcisismo sobre as parafrenias possibilitou uma maior conceituação e expansão da noção de Eu, pois não se trata de um narcisismo secundário e nem de um Eu dissociado - trata-se da pressuposição de um narcisismo primário que condicionará um Eu e suas diversas facetas. Trata-se de um Eu aqui também possui investimentos libidinais e não obstante, encerra em si mesmo, no adulto, um conflito ante as demandas objetuais sexuais de um lado (libido do objeto) e as também sexuais do outro, mas que estão investidas no Eu (libido do Eu).

No período dominado pelo narcisismo, o que é objeto de investimento das pulsões não é o mundo externo, mas o próprio ego do indivíduo, caracterizando uma forma de satisfação que é autoerótica. O mundo externo é indiferente aos propósitos de

satisfação na medida em que o ego ama apenas a si próprio e encontra em si próprio a fonte de prazer. Essa fase do desenvolvimento individual é representativa de uma das formas de oposição assinaladas para o amor: a do amar — ser indiferente, na qual o sujeito do ego coincide com o prazer e o mundo externo com o indiferente. (GARCIA-ROZA, 2009, p.130)

Se o narcisismo é um estágio do desenvolvimento que encerra traços de condutas acerca do investimento libidinal no Eu, que continuam influenciando o adulto na oposição tratada acima entre libido do Eu e libido do objeto, cabe entender que o narcisismo primário é este que guarda tanta atuação mesmo quando aparentemente superado pelo adulto. E mais, devido a diferenciação entre libido objetal e libido do eu, ao considerar que o investimento no eu acarreta no estado de enamoramento de si, a oposição entre pulsões sexuais e pulsões do eu, segundo Garcia-Roza (2009), torna-se caduca, pois agora toda pulsão, considerando a nova consideração libidinal em relação ao objeto, é sexual (GARCIA-ROZA, 2009, p. 126). O narcisismo terá um lugar no desenvolvimento libidinal assim como as fases pré-genitais e ainda maior, pois relaciona-se com o advento do Eu como unidade representativa e ponte entre realidade psíquica e factual, ou seja, ponte para formação de um Eu desenvolvido (FREUD, 2010, [1914], p. 18).

A existência deste Eu “real” enquanto unidade ainda assim é dotado de uma duplicidade e cisão devido às demandas da libido do Eu e da libido objetal, ambas com objetos e fins tão díspares encerram a existência do indivíduo na psicanálise sob a forma dos alicerces evolutivos de um lado e sexuais do outro (FREUD, 2010, [1914], p. 21). Antes deste Eu desenvolvido a situação era oposta à retratada. O “Eu” no estágio narcísico não estava cindido, as pulsões egóicas e sexuais eram indiferenciadas e agregadas neste “Eu”, enriquecendo-o vigorosamente. Como ocorreu este processo de diferenciação das pulsões?

Sabe-se que o desenvolvimento da pulsão sexual nasce sob apoio das pulsões egóicas; dentre as características principais, a sexualidade infantil surge apoiando-se em uma função biológica, numa atividade vital, como por exemplo a de nutrição, colocando-se como algo que surge à margem, um suplemento das necessidades biológicas, um “prazer outro” paralelo ao ato da alimentação (MONZANI, 2005, p. 126). O bebê sente prazer também no ato de chupar o seio da mãe, e logo quando busca esse prazer novamente, alucina alguma parte do seu próprio corpo que se torna o objeto erógeno, o que configura então a segunda característica da manifestação infantil autoerótica, em que *a criança incorpora o seio da mãe (objeto)* como se fosse seu, não reconhecendo o seio como objeto apartado de si ainda (FREUD, [1905], p. 180). Esta seria uma exigência do princípio de prazer que obriga o eu da criança a introjetar

objetos do mundo externo que são fonte de deleite e projetar no mundo externo aquilo desprazeroso (GARCIA-ROZA, 2009, p. 130).

No momento em que a criança investe nela mesma o objeto incorporado, *todo o prazer tem morada no Eu*, onde o objeto de deleite foi incorporado. O deleite no seio da mãe é o principal motor do despertar sexual da criança e modelo das relações amorosas; a mãe é quem proporciona à criança inúmeras experiências de satisfação, ela é o primeiro objeto da criança e o único compreendido como absoluto nesta fase de desenvolvimento. Assim, ao incorporar o objeto de mais completo contentamento a criança tem seu eu investido e porta toda satisfação. Ademais, os pais ou cuidadores da criança atribuem ao pequeno as qualidades mais perfeitas, não admitindo a este ser nenhuma adversidade ou sanção (FREUD, 2010, [1914], p. 36). O narcisismo primário é esta vivência de completude e plenitude, sensação próxima ao enamoramento de si, como dito acima (FREUD, 2010, [1914], p. 36).

O narcisismo primário que supomos na criança, que contém uma das premissas de nossas teorias sobre a libido, pode ser mais facilmente confirmado por inferência retrospectiva de um outro ponto do que apreendido por observação direta. Quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado. Como todos sabem, a nítida marca da superestimação, que já na escolha de objeto apreciamos como estigma narcísico, domina essa relação afetiva. Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições — que um observador neutro nelas não encontraria — e a ocultar e esquecer todos os defeitos, algo que se relaciona, aliás, com a negação da sexualidade infantil. (FREUD, 2010, [1914], p. 36)

Agregando estas considerações ao ensaio sobre a *Teoria da sexualidade*, a fase narcísica primária estaria localizada então no intermédio entre o estágio do autoerotismo (pulsão tem como objeto o corpo em diversas zonas autônomas) e o de amor de objeto (escolhe um objeto externo ao corpo, fora de si); é um estágio intermediário em que pulsões sexuais antes isoladas já se compunham numa “unidade” em que *o objeto é o próprio “Eu”*, precedente da formação do Eu como instância autônoma (FREUD, 2010, [1914], p. 37). As pulsões autoeróticas que existiam de maneira individual e autônomas reúnem-se numa unidade e se dirigem para o eu, que se torna novo objeto de investimento, tal como o mundo externo (GARCIA-ROZA, 2009, p.201), energeticamente falando, quanto mais o eu é investido, menos os objetos externos são investidos (GARCIA-ROZA, 2009, p.201).

O narcisismo secundário encontrado nas patologias advém do desenvolvimento infantil do narcisismo primário que não pode nunca ser abandonado, visto ser uma satisfação e vivência de “perfeição” e plenitude. E tanto o Eu ideal, Eu “real” e ideal do Eu advém do narcisismo primário. Para o Eu (o real) e estas demais instâncias se formarem é necessário, entretanto, realizar uma quebra com este estado narcísico. O Eu advém do narcisismo primário, deste

locus de perfeição e investimento libidinais, indiferenciação entre pulsão sexual e egóica até que inevitavelmente sofre uma quebra deste estado primeiro - o resultado é a perda e mutilação da perfeição antes colocada, que desaparece *para dar lugar a representação total do próprio indivíduo* (formação do Eu desenvolvido, o *Eu real*).

O Eu real só existe quando o indivíduo abdica de seu narcisismo primário, para assim diferenciar o *eu* do *outro*. Como dito, esta diferenciação resulta na quebra do estado de perfeição e satisfação; é a partir da mutilação do desejo onipotente e da castração que o Eu se constitui.

O narcisismo se desloca então do ego real para esse novo ego ideal (*Idealich*) que é dotado de todas as perfeições. Incapaz de renunciar à perfeição narcísica de sua infância, o homem procura recuperá-la sob a forma de um ideal do ego (*Ichideal*). (GARCIA-ROZA, 2009, p. 203)

Porém, o Eu real, este mutilado, não abdica ou abandona sua fase narcísica; os objetos do qual um dia foram seus no narcisismo primário não são abandonados, mas tornam-se protótipos, exemplares nas relações do Eu com o mundo externo. Esse estado de perfeição é deslocado para o Eu ideal, como um tipo de perfeição que o Eu busca sempre, mas como ideal, imaginária e mnêmica, nunca alcançada (FREUD, 2010, [1914], p. 40). A formação do Eu ideal, portanto, tem raízes no Eu narcísico e é o mais similar dele, pois o representa idealmente. O Eu real advém também da perda narcísica, mas a partir de uma diferenciação com o narcisismo que busca sua completude no Eu ideal do narcisismo primário.

A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal. (FREUD, 2010, [1914], p. 40)

Como o Eu real procura retornar a este estágio do narcísico do Eu ideal, o Eu real “procura” reencontrar essas qualidades perdidas *por meio de um substituto para o Eu ideal*, o que Freud chamou de *ideal do Eu*, parte idealizada do Eu que serve como substituto para as perfeições perdidas (FREUD, 2010, [1914], p. 40). Temos, portanto, o Eu ideal, inalcançável e passado; o Eu, castrado e mutilado; e por fim, o ideal do Eu, que remete ao futuro, perfeição procurada nos demais objetos. Mas o ideal do Eu não é como o Eu ideal, ele se distancia em certo ponto quando o ideal do Eu *reúne também as críticas à criação pelos pais, aumentando as*

exigências do Eu que favorecem e são condições para o recalçamento. Portanto, a formação de um ideal, aquele que mede quais são as exigências éticas e culturais para o indivíduo é “fator condicionante” do recalque (GARCIA-ROZA, 2009, p. 203). Diferente do Eu ideal, com o qual não existia lei e tudo era perfeito, o ideal do Eu conquista sua perfeição segundo a lei, influências jurídicas, éticas e estéticas dos cuidadores e da sociedade, que exige conscienciosidade moral ao resgatar as marcas mnêmicas das interdições e restrições paternas e culturais. Deste resgate mnêmico forma-se a consciência moral (FREUD, 2010, [1914], p. 43). Aqui, portanto, se relaciona o recalçamento mais as funções e condições de formação do ideal do Eu, e portanto, ao processo ontogênico das influências e exigências da realidade, do que à proximidade com o conceito de inconsciente dado nos ensaios metapsicológicos de 1915 *O recalçamento e O inconsciente*.

O desenvolvimento do Eu consiste num distanciamento do narcisismo primário e gera um intenso esforço para reconquistá-lo. Tal distanciamento ocorre através do deslocamento da libido para um ideal do Eu imposto de fora, e a satisfação, através do cumprimento desse ideal.

Ao mesmo tempo, o Eu enviou os investimentos libidinais de objeto. Ele se empobrece em favor desses investimentos, tal como do ideal do Eu, e novamente se enriquece mediante as satisfações ligadas a objetos, assim como pelo cumprimento do ideal. (FREUD, 2010, [1914], p. 48)

O Eu do presente é visto como perda do primordial e precisa enfrentar as frustrações e renúncias ao deleite do narcisismo primário, infantil portanto (FREUD, 2010, [1914], p. 48); o ideal do Eu é o porvir do Eu, projeto da perfeição perdida que aponta para o passado perdido do narcisismo e encarrega-se de adaptar-se às exigências familiares, sociais e culturais. O caminho para que o Eu real alcance seu ideal indiretamente é através do ideal do Eu, pois o Eu ideal é passado, renunciado. Se ao ideal do Eu compete às demandas culturais e sociais, este é aquele que possibilita a ligação entre o Eu real e o mundo exterior, para buscar no mundo seus objetos.

Portanto, o Eu precisa abdicar do estado de completude das satisfações sexuais infantis e se adequar às restrições e imposições culturais, momento em que o recalçamento emerge em conjunto com o ideal do Eu e que presta-se como ponte ao mundo externo a fim de encontrar no mundo os substitutivos do Eu ideal. O Eu se relaciona sob aspectos libidinais em seu fundamento (narcisismo) e funcionamento (entre o Eu ideal e ideal do Eu). Na formação do Eu real e ideal do Eu as reivindicações da ontogênese, facticidade e moralidade sobressaem frente aos impulsos imediatos do inconsciente e aqui não são opostas ao fator sexual ou libidinal do psiquismo. Neste ensaio de 1914 o Eu executa tarefas e ordena também o

psiquismo e sua relação com a realidade devido à existência de instâncias deste: o Eu real, o Eu ideal (projeção do narcisismo primário) e o ideal do Eu. Esta evolução na concepção de Eu é clara quando posteriormente vemos as transformações impostas por Freud em o *Eu e o Id* (1923), em relação aos conceitos de Eu, supereu e Id e a demanda da Segunda Tópica em *Além do princípio de prazer* (1920) (MONZANI, 2014, p. 240). Portanto, vê-se neste ensaio que o Eu é uma instância complexa e ativa, agente do recalçamento e dos mecanismos de defesa, como ressalta Monzani (2014). Mas que possui partes inconscientes e também abarca as instâncias do ideal de Eu e Eu ideal, além do Eu “real” (MONZANI, 2014, p. 241). O conteúdo do inconsciente é amplo e neste sentido não limita ou se opõe à concepção de Eu, mas a expande.

CONCLUSÃO

A considerar a problemática da pesquisa e os empenhos estruturados nos capítulos, a observação acerca dos mecanismos primitivos da psique são confirmadas não apenas nos ensaios metapsicológicos e de caráter históricos de Freud, como *Totem e tabu*, mas também nos casos individuais averiguados no segundo capítulo. Assim como, não é contraditório a hipótese de trabalho acerca do recalque orgânico (*organischen Verdrängung*) como condição para as demais formações psíquicas, pois sabe-se que toda pulsão teve como base o somático e orgânico também; não apenas, sua fonte é somática. Igualmente, ao pensar na característica pulsional e na hipótese darwiniana, o núcleo instintual do inconsciente e demais características da realidade psíquica estão firmadas muitas vezes sob aspectos biológicos ou metabiológicos (GRUBRICH, 1987). A relação de “porosidade” entre o psíquico e corpóreo permitiu à Freud não apenas uma diferenciação entre as pulsões de autoconservação e sexuais, mas uma aproximação da pulsão sexual e com aquilo de ordem biológica, “orgânica”, “animal” no ser humano ao oferecer lugar à pulsão sexual nos propósitos do funcionamento primitivo e arcaico do inconsciente. Afinal, apenas a pulsão sexual consegue regredir às representações mais arcaicas e primitivas do gênero humano. Pode-se confirmar com a análise de *Totem e tabu* a existência de anterioridades psíquicas que demonstram atividade ainda no indivíduo contemporâneo.

As demais considerações acerca do funcionamento primitivo ao decorrer das obra *Totem e tabu*, *Schreber* e *Homem dos lobos*, desde a hipótese darwiniana do comportamento dos

macacos até o mais ínfimo detalhe nos sintomas obsessivos e paranoicos do Homem dos lobos e Schreber, por exemplo, comprova que a historicidade reconstruída na clínica e aquela dos povos primitivos dispôs no quadro geral das neuroses as determinantes do funcionamento saudável e neurótico, desde a ambivalência afetiva até o Édipo. Os atravessamentos destas determinantes primitivas possibilitaram o questionamento do lugar de ação do eu consciente no quadro neurótico. Neste sentido, um empreendimento em relação a uma maior compreensão do eu consciente foi posta. O eu consciente não é somente reduzido as funções da consciência como passividade no tocante a percepção externa e interna; o eu consciente carrega consigo as pulsões de autoconservação e mecanismos de proteção e modificação (censura) ante as pulsões sexuais, controle da motilidade e capacidade de agregar resíduos verbais as representações da coisa (FREUD, 2010 [1915] p. 146) ao formar um pensamento lógico de acordo com a factualidade, capaz de organizar com mais regularidade a experiência de acordo com a linearidade temporal e não contraditória por meio de sua relação motora e orgânica às percepções externas, adiando as gratificações sensoriais imediatas com restrições, reunindo e recolhendo da experiência motivos para postergar certos prazeres que se desvelam positivas ao longo prazo, admitindo percalços de acordo com a moralidade e factualidade (FREUD, 2010 [1911] p. 118).

Por último, apesar da breve apresentação do último capítulo, compreende-se através do ensaio das considerações das fantasias e do ensaio de 1914 que Freud atinge um empreendimento maior ao lugar do Eu frente as determinações filogenéticas e arcaicas da psique. Há um Eu proveniente do entremeio das fases sexuais da libido e que é investido libidinalmente, ou seja, está estruturado sob o plano das pulsões sexuais e também do inconsciente; este Eu inaugurado no ensaio de 1914 padece das duas realidades até então colocadas como conflito principal: a psíquica e factual. A noção de Eu apresentada por Freud consegue localizar o Eu “real” como aquele que media ambas realidades em conjunto com o Eu ideal e ideal do Eu, como apresentado previamente. Não se trata somente de um conflito entre as duas realidades agora que o Eu apresenta-se no centro ao invocar ambas esferas e não subjugar uma à outra. É possível também pensar a psicologia do Eu de modo econômico, tópico e dinâmico, não restrito necessariamente à questão do conflito psíquico entre consciência e inconsciente, contenda da qual emergiu a problematização a respeito da liberdade do eu consciente e por outro lado, da determinação da realidade psíquica. Vê-se portanto que nesta concepção de Eu dotado de libido não despreza-se as formulações anteriores expostas em relação ao que fora visto sobre a filogênese e o conteúdo do recalque em contraposição à ontogênese, pois

adequa-se à perspectiva do Eu e contudo, acomoda o conflito de uma nova maneira: entre libido do objeto e libido do Eu.

Conseqüentemente, é possível concluir que a noção de inconsciente a considerar o processo do recalçamento nos levou a questionar o espaço de ação do eu consciente nos ensaios de metapsicologia e na *Interpretação* devido as determinações da realidade psíquica (recalque originário, fantasias originárias e a filogênese). Estas, abriram amplo espaço de debate em relação ao seu lugar dentro do campo da sexualidade, das neuroses e da civilização/cultura, como resquícios do passado inconsciente que se sobrepõem à realidade factual e ao eu consciente. Mas seriam estas determinações do inconsciente marca de conflito com a factualidade e com o indivíduo? A resposta a que podemos chegar com a análise de *Totem e tabu*, *O caso Schreber* e o *Homem dos lobos* e demais ensaios metapsicológicos analisados neste trabalho monográfico é que a concepção de conflito em Freud a partir dos determinantes filogenéticos e arcaicos não é excludente e nem preponderante frente ao processo da ontogênese e da contingência, visto que o próprio indivíduo é figura exemplar de que suas tendências sexuais e egóicas são complementares e não supressoras, afinal, seu próprio Eu advém de caracteres sexuais e sua situação como indivíduo na civilização possui *sentido* através delas.

Das considerações acerca da psicologia do Eu no ensaio de 1914 pode-se afirmar que o Eu encontra liberdade, - ou seja, escolha - enquanto consciente de sua constituição arcaica e como esta assume lugar para a produção de sentido ao mundo cultural e as relações interpessoais - em outras palavras a sexualidade é principalmente produtora, geradora de “significados” ao indivíduo, seja “castrada” ou não. Ao escapar dos redutos biológicos e fisiológicos das necessidades animais, a pulsão sexual possibilita a inscrição do ser humano na cultura. Ainda assim, a suposição de uma ação para o Eu provém da superação à unilateralidade das tendências (sexuais ou egóicas). O Eu encontra espaço de ação ao aceitar o conflito como fundamento de sua própria psique e relações culturais. Destarte, a filogênese não é marca apenas de um passado remoto que se sobrepõe à ontogênese. Ambas considerações, filogenéticas e ontogenéticas, se conciliam com o intuito de fabricar sentido à vivência individual e contingente; a neurose é, portanto, exemplo mais distintivo do ser humano das demais espécies, condição para a civilização e testemunho da bestialidade que mesmo assim subsiste no indivíduo. Para finalizar este trabalho, harmonizo com a conclusão a seguinte citação das *Conferências sobre Os atos falhos (1916)*:

É importante que se comece logo a levar em consideração que a vida psíquica é praça e campo de batalha para tendências opostas, ou, expresso em termos não dinâmicos, ela se compõe de contradições e pares de oposições. *Comprovar a presença de determinada tendência não significa excluir outra, oposta a ela: há lugar suficiente para ambas.* Tudo depende de como essas oposições se posicionam umas em relação às outras, que efeitos decorrem de uma e de outra. (FREUD, 2014 [1916], pág. 59)

REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. **Freud & a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., Col. Passo-a-passo: 27, 2003.

CERTEAU, Michel de. **Histoire et psychanalyse: entre Science et fiction**. Précédé d' Un chemin non trace par Luce Giard. 3e Édition revue et augmentée. 2016 par les Éditions Gallimard. Paris.

CORREA, F. S. **Filogênese na metapsicologia freudiana**. Campinas: Unicamp, 2015

ENRIQUEZ, E. **Da Horda ao Estado (Psicanálise do vínculo social)**. Tradução de Teresa Cristina Carreiro e Jacyara Nasciutti. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1983.

FREUD, S. **A Interpretação dos Sonhos (1900)**. In: Obras completas, volume IV. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)**. In: *Obras Completas*, volume XXIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **Conferencias de introducción al psicoanálisis (Partes III)**. In: *Obras Completas* Volumen XVI (1916-1917). Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la

colaboración de Anna Freud. Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Paraguay: Amorrortu editores, 1976.

_____. **El yo y el ello y otras obras (1923-1925)**. In: *Obras Completas* Volumen XIX. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud. Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Paraguay: Amorrortu editores, 1976.

_____. **Gesammelte Werke: Werke aus den Jahren (1925-1931)**. Veröffentlicht im Fischer Taschenbuch Verlag GmbH Frankfurt am Main 1999, November 1999. Printed in Germany.

_____. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), além do princípio de prazer e outros textos (1917-1920)**. In: *Obras Completas*, volume XIV. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. In: *Obras Completas*, volume XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Moisés y la religión monoteísta, Esquema del psicoanálisis y otras obras**. *Obras completas Sigmund Freud*. Volumen 23. Ordenamiento, comentarios y notas de James Strachey con la colaboración de Anna Freud, asistidos por Alix Strachey y Alan Tyson. Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Amorrortu Editores. 1975. Argentina

_____. **Neuroses de transferência: uma síntese (manuscrito recém descoberto)**. Organização, notas e ensaio complementar Ilse Grubrich-Simitis; posfácio à edição brasileira e tradução do alemão Abram Eksterman. - Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)**. In: Obras Completas, volume XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. In: Obras Completas, volume XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Presentación autobiográfica, Inhibición, sintoma y angústia. Pueden los legos ejercer el análisis? Y otras obras (1925-26)**. In: Obras Completas. Volumen XX. Ordenamiento, comentários y notas de James Strachey com la colaboración de Anna Freud. Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Paraguay: Amorrortu editores, 1976.

_____. **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. In: Obras completas, volume XI. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. In: Obras Completas, volume VI. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. – 24.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GRUBRICH-SIMITS, ILSE. **Metapsicologia e Metabiologia. Ensaio complementar a “Neurose de Transferência: uma síntese”, de Freud**. R.J.: Imago, 1987.

LEBRUN, G. **O selvagem e o neurótico**. In: Passeios ao Léu. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J - B. **Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia.** – 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

_____. **Vocabulário da psicanálise.** – 4ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MEZAN, R. **Freud, pensador da cultura.** – 7ª Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **Interfaces da psicanálise.** - 1ª Ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MONZANI, L. R. **Freud: O movimento de um pensamento.** – 3ª Ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

_____. **O suplemento e o excesso** (1986). In: *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta. 2005.

_____. **Totem e tabu: uma revisão.** Ver. Filos., Aurora, Curitiba, v. 23, n. 33, p. 243-255, jul. / dez. 2011.

NOVAIS, Fernando. **Entrevista à Revista Brasileira de Psicanálise.** Vol. 42, n.2, 15-31 – 2008.

OGILVIE, B. **Lacan – A formação do conceito de sujeito (1932-1949).** – 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

ROUDINESCO, E. **Dicionário de psicanálise**. Elisabeth Roudinesco, Michel Plon. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SILVA, F. L. e. **Descartes - A Metafísica da modernidade**. Coleção logos – 3ª Ed. – São Paulo: Editora Moderna. São Paulo, 1993.

SILVEIRA, L. **Resenha de “Filogênese na metapsicologia freudiana”, de Fernanda Silveira Corrêa** (Campinas: Editora Unicamp, 2015). Cadernos de Filosofia Alemã, v. 22; n.1, pp. 179-186, 2017.

SULLOWAY, F. J. **Freud, Biologist of the Mind: beyond the psychoanalytic legend**. Basic Books Inc. Printed in the United States of America, 1979.